

LEÃO XIV



HOMILIAS

2026

Editado por 



PAPA LEÃO XIV

HOMILIAS 2026

Fonte:
vatican.va

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA, MÃE DE DEUS
LIX JORNADA MUNDIAL DA PAZ

Basílica de São Pedro

Quinta-feira, 1 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje, Solenidade de Maria Santíssima, Mãe de Deus, início do novo ano civil, a Liturgia oferece-nos o texto de uma bênção belíssima: «O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz!» (*Nm 6, 24-26*).

Esta bênção encontra-se, no livro dos Números, a seguir às indicações sobre a consagração dos nazireus, para sublinhar, na relação entre Deus e o povo de Israel, a dimensão sagrada e fecunda do dom. O homem oferece tudo o que recebeu ao Criador, que responde voltando para ele o seu olhar benigno, tal como nos primórdios do mundo (cf. *Gn 1, 31*).

Graças à intervenção de Deus e à resposta generosa do seu servo Moisés, o povo de Israel, a quem esta bênção se dirigia, era um povo de libertos, de homens e mulheres renascidos após uma prolongada escravidão. Era um povo que no Egito tinha usufruído de algumas seguranças – não faltava comida, nem teto, nem uma certa estabilidade –, mas à custa de ser escravo, oprimido por uma tirania que exigia cada vez mais, dando cada vez menos (cf. *Ex 5, 6-7*). Agora, no deserto, muitas das certezas do passado tinham-se perdido, mas em troca havia a liberdade, que se concretizava num caminho aberto para o futuro, no dom de uma lei de sabedoria e na promessa de uma terra na qual fosse possível viver e crescer sem grilhões nem correntes; em suma, num renascimento.

Assim, no início do novo ano, a Liturgia recorda-nos que cada dia pode ser, para cada um de nós, o início de uma nova vida, graças ao amor generoso de Deus, à sua misericórdia e à resposta da nossa liberdade. É bonito pensar deste modo o ano que começa: como um caminho aberto, a descobrir, no qual por graça nos podemos aventurar, livres e portadores de

liberdade, perdoados e doadores de perdão, confiantes na proximidade e na bondade do Senhor que sempre nos acompanha.

Tudo isto recordamos ao celebrar o mistério da Divina Maternidade de Maria, que com o seu “sim” contribuiu para dar à Fonte de toda a misericórdia e benevolência um rosto humano: o rosto de Jesus, através de cujos olhos de criança, depois jovem e homem, o amor do Pai nos alcança e transforma.

Por isso, no início do ano, encaminhando-nos para os dias novos e únicos que nos esperam, pedimos ao Senhor que em cada momento sintamos, à nossa volta e sobre nós, o calor do seu abraço paterno e a luz do seu olhar benevolente, para compreendermos sempre mais e termos constantemente presente quem somos e a que fim maravilhoso nos dirigimos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 41). Ao mesmo tempo, porém, também nós lhe damos glória, com a oração e a santidade de vida, tornando-nos, uns para os outros, espelho da sua bondade.

Santo Agostinho ensinava que em Maria «o criador do homem se fez homem, para que, embora Ele fosse o criador das estrelas, se alimentasse do seio de uma mulher; embora Ele fosse o pão (cf. *Jo* 6, 35), pudesse ter fome (cf. *Mt* 4,2); [...] para nos libertar, embora nós fôssemos indignos» (*Sermo* 191, 1.1). Deste modo, ele recordava uma das características fundamentais do rosto de Deus: o da total gratuidade do seu amor, pelo qual Ele se nos apresenta – como quis sublinhar na *Mensagem deste Dia Mundial da Paz* – “desarmado e desarmante”, nu e indefeso, como um recém-nascido no berço. Tudo isto para nos ensinar que o mundo não se salva afiando espadas, julgando, oprimindo ou eliminando os irmãos, mas sim esforçando-se incansavelmente por compreender, perdoar, libertar e acolher todos, sem cálculos nem medos.

É este o rosto de Deus que Maria deixou que se formasse e crescesse no seu ventre, mudando completamente a sua vida. É o rosto que ela anunciou através da luz alegre e delicada dos seus olhos de mãe expectante; o rosto cuja beleza ela contemplou dia após dia, à medida que Jesus ia crescendo – criança, adolescente e jovem – na sua casa; e que depois acompanhou, com o seu coração de discípula humilde, enquanto Ele percorria os caminhos da

sua missão, até à cruz e ressurreição. Para o fazer, também ela depôs todas as defesas, renunciando a expectativas, pretensões e garantias, como as mães sabem fazer, consagrando sem reservas a sua vida ao Filho que por graça tinha recebido, para que Ela, por sua vez, o doasse de novo ao mundo.

Na Maternidade Divina de Maria, observamos o encontro de duas realidades imensas e “desarmadas”: a de Deus, que renuncia a todos os privilégios da sua divindade para nascer segundo a carne (cf. *Fil 2, 6-11*), e a da pessoa que com confiança abraça totalmente a sua vontade, prestando-Lhe, num ato perfeito de amor, a homenagem do seu maior poder: a liberdade.

Meditando sobre este mistério, São João Paulo II convidava a contemplar o que os pastores encontraram em Belém: «a serena ternura do Menino, a surpreendente pobreza em que Ele se encontra, a humilde simplicidade de Maria e de José» transformaram a sua vida, tornando-os «mensageiros de salvação» (*Homilia na Missa de Maria Santíssima, Mãe de Deus, XXXIV Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2001).

Disse-o no final do Grande Jubileu do ano 2000, com palavras que nos podem fazer refletir também a nós: «Quantos dons – afirmava – e quantas ocasiões extraordinárias o grande Jubileu ofereceu aos fiéis! Na experiência do dom recebido e concedido, na recordação dos mártires, na escuta do brado dos pobres do mundo [...] também nós entrevimos a presença salvífica de Deus na história. Quase tocámos com a mão o seu amor que renova a face da terra» (*ibid*), e concluía: «Como aos pastores que acorreram para o adorar, Cristo pede aos fiéis, aos quais concedeu a alegria do Seu encontro, uma corajosa disponibilidade a partir de novo para anunciar o seu Evangelho, antigo e sempre novo. Convida-os a vivificar a história e as culturas dos homens com a sua mensagem salvífica» (*ibid*).

Queridos irmãos e irmãs, nesta Festa solene, no início do novo ano, prestes a concluir o Jubileu da Esperança, abeiremo-nos com fé do Presépio, qual lugar por excelência da paz “desarmada e desarmante”, lugar de bênção, no qual podemos recordar os prodígios que o Senhor realizou na história da salvação e na nossa existência, para depois partirmos, como os humildes testemunhas da gruta, «glorificando e louvando a Deus» (*Lc 2,*

20) por tudo o que vimos e ouvimos. Que seja este o nosso compromisso e propósito para os próximos meses e para toda a nossa vida cristã.

SOLENIIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR –
ENCERRAMENTO DA PORTA SANTA E SANTA MISSA

Basílica de São Pedro

Terça-feira, 6 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

O Evangelho (cf. *Mt* 2, 1-12) descreveu-nos a grande alegria dos Magos ao reverem a estrela (cf. v. 10), mas também a perturbação sentida por Herodes e por toda a cidade de Jerusalém diante da sua busca (cf. v. 3). Sempre que se trata das manifestações de Deus, a Sagrada Escritura não esconde este tipo de contrastes: alegria e perturbação, resistência e obediência, medo e desejo. Celebramos hoje a Epifania do Senhor, conscientes de que, na sua presença, nada permanece como antes. Este é o início da esperança. Deus revela-se e nada pode permanecer imóvel. Acaba-se uma certa tranquilidade, aquela que leva os melancólicos a repetir: «Nada há de novo debaixo do Sol» (*Ecl* 1, 9). Começa algo do qual dependem o presente e o futuro, como anuncia o Profeta: «Levanta-te e resplandece, Jerusalém, que está a chegar a tua luz! A glória do Senhor amanhece sobre ti!» (*Is* 60, 1).

Surpreende que seja perturbada precisamente Jerusalém, cidade palco de tantos novos começos. Dentro dela, exatamente aqueles que estudam as Escrituras e pensam ter todas as respostas dão a impressão de ter perdido a capacidade de formular perguntas e cultivar desejos. Aliás, a cidade fica assustada com aqueles que vêm de longe, movidos pela esperança, a ponto de pressentir uma ameaça naquilo que, pelo contrário, deveria dar-lhe muita alegria. Esta reação interpela também todos nós, como Igreja.

A Porta Santa desta Basílica que, por último, hoje foi fechada, recebeu o fluxo de inúmeros homens e mulheres, peregrinos de esperança, a caminho da Cidade cujas portas estão sempre abertas, a nova Jerusalém (cf. *Ap* 21, 25). Quem foram eles e o que os motivava? No final do Ano Jubilar, questiona-nos com particular seriedade a busca espiritual dos nossos contemporâneos, muito mais rica do que talvez possamos compreender.

Milhões deles atravessaram a soleira da Igreja. E o que encontraram? Que corações, que atenção, que acolhimento? Sim, os Magos ainda existem. São pessoas que aceitam o desafio de arriscar cada um a própria viagem, que num mundo conturbado como o nosso, sob muitos aspetos repulsivo e perigoso, sentem a necessidade de partir, de procurar.

Homo viator, assim diziam os antigos. Somos vidas a caminho. O Evangelho compromete a Igreja a não ter medo desse dinamismo, mas a apreciá-lo e a orientá-lo para o Deus que o suscita. É um Deus que pode perturbar-nos, porque não está imóvel nas nossas mãos como os ídolos de prata e ouro: pelo contrário, é vivo e vivificante, como aquele Menino que Maria acolheu nos seus braços e que os Magos adoraram. Os lugares santos, como as catedrais, as basílicas, os santuários, que se tornaram destinos de peregrinação jubilar, devem difundir o perfume da vida, a impressão indelével de que um outro mundo começou.

Perguntemo-nos: há vida na nossa Igreja? Há espaço para o que está a nascer? Amamos e anunciamos um Deus que nos põe novamente a caminho?

No relato, Herodes teme pelo seu trono, agita-se com o que sente fugir ao seu controlo. Tenta aproveitar-se do desejo dos Magos e procura desviar em seu benefício a busca deles. Está pronto a mentir, está disposto a tudo; verdadeiramente, o medo cega. Em contrapartida, a alegria do Evangelho liberta: torna-nos prudentes, sim, mas também audazes, atentos e criativos; sugere estradas diferentes daquelas já percorridas.

Os Magos trazem a Jerusalém uma pergunta simples e essencial: «Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer?» (*Mt 2, 2*). Como é importante que quem atravessa a porta da Igreja sinta que o Messias acaba de nascer ali e que ali se reúne uma comunidade na qual surgiu a esperança e que ali está a acontecer uma história de vida! O Jubileu veio para nos lembrar que é possível recomeçar, ou melhor, que estamos ainda no início, que o Senhor deseja crescer no meio de nós, deseja ser o Deus-conosco. Sim, Deus põe em questão a ordem existente: tem sonhos que ainda hoje inspira nos seus profetas; está determinado a resgatar-nos de antigas e novas escravidões; envolve jovens e idosos, pobres e ricos, homens e mulheres, santos e

pecadores nas suas obras de misericórdia, nas maravilhas da sua justiça. Não faz barulho, mas o seu Reino já está a germinar em todo o mundo.

Quantas epifanias nos são concedidas ou estão prestes a ser concedidas! No entanto, elas devem ser desviadas das intenções de Herodes, dos medos sempre prontos a transformar-se em agressão. «Desde o tempo de João Baptista até agora, o Reino do Céu tem sido objeto de violência e os violentos apoderam-se dele à força» (Mt 11, 12). Esta misteriosa expressão de Jesus, relatada no Evangelho de Mateus, não pode deixar de nos fazer pensar nos numerosos conflitos com os quais os homens podem resistir e até mesmo atingir o Novo que Deus reserva para todos. Amar a paz e procurá-la significa proteger o que é santo e, por isso mesmo, nascente: pequeno, delicado, frágil como uma criança. À nossa volta, uma economia distorcida tenta tirar proveito de tudo. Vemo-lo: o mercado transforma em negócios até mesmo a sede humana de procurar, viajar e recomeçar. Perguntemo-nos: o Jubileu ensinou-nos a fugir desse tipo de eficiência que reduz tudo a um produto e o ser humano a um consumidor? Depois deste ano, estaremos mais capacitados para reconhecer no visitante um peregrino, no desconhecido um buscador, no distante um vizinho, no diferente um companheiro de viagem?

O modo como Jesus encontrou a todos e deixou que todos se aproximassem d'Ele ensina-nos a valorizar o segredo dos corações que só Ele sabe ler. Com Ele, aprendemos a interpretar os sinais dos tempos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 4). Ninguém nos pode vender isto. O Menino que os Magos adoram é um Bem sem preço, nem medida. É a Epifania da gratuidade. Não nos aguarda em lugares prestigiados, mas nas realidades humildes. «E tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades da Judeia» (Mt 2, 6). Quantas cidades, quantas comunidades precisam de ouvir: “De modo nenhum és a menor”. Sim, o Senhor continua a surpreender-nos! Ele deixa-se encontrar. Os nossos caminhos não são os seus caminhos, que nem os violentos conseguem dominar, nem os poderes do mundo podem obstruir. Daí a grande alegria dos Magos, que deixam para trás o palácio e o templo e partem para Belém: voltam então a ver a estrela!

Por isso, queridos irmãos e irmãs, é bom sermos peregrinos de esperança. E é bom continuar a sê-lo, juntos! A fidelidade de Deus continuará a surpreender-nos. Se não reduzirmos as nossas igrejas a monumentos, se as nossas comunidades forem casas, se resistirmos unidos às seduções dos poderosos, então seremos a geração da aurora. Maria, Estrela da Manhã, caminhará sempre à nossa frente! No seu Filho, contemplaremos e serviremos uma magnífica humanidade, transformada não por delírios de onipotência, mas pelo Deus que, por amor, se fez carne.

CONSISTÓRIO EXTRAORDINÁRIO

Basílica de São Pedro

Quinta-feira, 8 de janeiro de 2026

«Caríssimos, amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus» (1 Jo 4, 7). A Liturgia propõe-nos esta exortação ao celebrarmos o Consistório extraordinário: momento de graça em que se expressa a nossa união ao serviço da Igreja.

Como sabemos, a palavra Consistório, *Consistorium*, “assembleia”, pode ser interpretada à luz da raiz do verbo *consistere*, ou seja, “parar”. E, efetivamente, todos nós “parámos” para estar aqui: interrompemos por algum tempo as nossas atividades e renunciámos a compromissos importantes, para nos reunirmos e discernirmos o que o Senhor nos pede para o bem do seu Povo. Este é, por si só, um gesto muito significativo, profético, especialmente no contexto da sociedade frenética em que vivemos. Lembra-nos, pois, a importância, em cada percurso de vida, de parar para rezar, ouvir, refletir e assim voltar a focar cada vez melhor o olhar na meta, direcionando para ela cada esforço e recurso, para não correremos o risco de andar às cegas ou dar golpes no ar em vão, como adverte o apóstolo Paulo (cf. 1 Cor 9, 26). Na verdade, não estamos aqui para promover “agendas” – pessoais ou de grupo –, mas para confiar os nossos projetos e inspirações ao juízo de um discernimento que nos ultrapassa «tanto quanto os céus estão acima da terra» (Is 55, 9) e que só pode vir do Senhor.

Por isso, é importante que agora, na Eucaristia, coloquemos sobre o Altar, com o dom da nossa vida, todos os nossos desejos e pensamentos, oferecendo-os ao Pai em união com o Sacrifício de Cristo, para os recebermos purificados, iluminados, fundidos e transformados, pela graça, num único Pão. Com efeito, só assim saberemos realmente ouvir a sua voz, acolhendo-a no dom que somos uns para os outros: motivo pelo qual nos reunimos.

O nosso Colégio, embora rico de tantas competências e dotes notáveis, na verdade, não é chamado a ser, em primeiro lugar, uma equipa de especialistas, mas uma comunidade de fé, na qual os dons que cada um traz, oferecidos ao Senhor e por Ele restituídos, produzam, segundo a sua Providência, o máximo fruto.

Afinal, o Amor de Deus, do qual somos discípulos e apóstolos, é um Amor “trinitário”, “relacional”, fonte daquela espiritualidade de comunhão da qual vive a Esposa de Cristo e da qual ela quer ser casa e escola (cf. Carta ap. *Novo millennio ineunte*, 6 de janeiro de 2001, 43). São João Paulo II, desejando o seu crescimento no início do terceiro milénio, definiu-a como um «o olhar do coração voltado para o mistério da Trindade, que habita em nós e cuja luz há de ser percebida também no rosto dos irmãos que estão ao nosso redor» (*ibid.*).

Assim, o nosso “parar” é, antes de tudo, um grande ato de amor – a Deus, à Igreja e aos homens e mulheres de todo o mundo –, com o qual nos deixamos moldar pelo Espírito: primeiro, na oração e no silêncio, mas também olhando-nos nos olhos, ouvindo-nos reciprocamente e dando voz, através da partilha, a todos aqueles que o Senhor confiou, nas mais diversas partes do mundo, aos nossos cuidados de Pastores. Um ato a ser vivido com coração humilde e generoso, na consciência de que é por graça que aqui estamos e que não há nada, do que trazemos, que não tenha sido recebido como dom e talento a não ser desperdiçado, mas a ser investido com perspicácia e coragem (cf. *Mt 25, 14-30*).

São Leão Magno ensinava que «é algo grandioso e muito precioso aos olhos do Senhor quando todo o povo de Cristo se dedica em conjunto aos mesmos deveres, em todos os graus e em todas as ordens [...] colaboram com um mesmo espírito [...]. Então – dizia ele –, os famintos são alimentados, os nus são vestidos, os doentes são visitados, e ninguém busca os próprios interesses, mas os dos outros» (*Sermões*, 88, 4). Este é o espírito com que juntos queremos trabalhar: o de quem deseja que, no Corpo místico de Cristo, cada membro coopere ordenadamente para o bem de todos (cf. *Ef 4, 11-13*), desempenhando com dignidade e em pleno o seu ministério sob a orientação do Espírito, feliz por oferecer e ver amadurecer

os frutos do seu trabalho, assim como por receber e ver crescer os frutos do trabalho dos outros (cf. São Leão Magno, *Sermões*, 88, 5).

Há dois milénios que a Igreja encarna este mistério na sua poliédrica beleza (cf. Francisco, Carta Enc. *Fratelli tutti*, 280). Disso é testemunha esta mesma assembleia, na variedade das proveniências e idades e na unidade de graça e fé que nos reúne e irmana.

Evidentemente, também nós, diante da “grande multidão” de uma humanidade faminta de bem e de paz, num mundo em que a saciedade e a fome, a abundância e a miséria, a luta pela sobrevivência e o desesperado vazio existencial continuam a dividir e a ferir as pessoas, as nações e as comunidades, às palavras do Mestre «dai-lhes vós mesmos de comer» (*Mc* 6, 37), podemos sentir-nos como os discípulos: incapazes e desprovidos de meios. Porém, Jesus volta a repetir-nos: «Quantos pães tendes? Ide ver» (*Mc* 6, 38), e isso podemos fazê-lo juntos. Nem sempre, contudo, conseguiremos encontrar soluções imediatas para os problemas que temos de enfrentar. Todavia, em qualquer lugar e circunstância, poderemos sempre ajudar-nos mutuamente – e, em particular, ajudar o Papa – a encontrar os “cinco pães e dois peixes” que a Providência nunca deixa faltar ali onde os seus filhos imploram ajuda; e acolhê-los, entregá-los, recebê-los e distribuí-los, enriquecidos com a bênção de Deus e com a fé e o amor de todos, de modo que a ninguém falte o necessário (cf. *Mc* 6, 42).

Caríssimos, o que vós ofereceis à Igreja com o vosso serviço, a todos os níveis, é algo grandioso, extremamente pessoal e profundo, único para cada um e precioso para todos; e a responsabilidade que partilhais com o Sucessor de Pedro é grave e pesada.

Por isso, agradeço-vos de coração e gostaria de concluir confiando os nossos trabalhos e a nossa missão ao Senhor com as palavras de Santo Agostinho: «Concedei-nos muitos benefícios quando Vos invocamos. Todo o bem que recebemos antes de orar, recebemo-lo de Vós. Enfim, é ainda um dom que nos concedeis, o reconhecemos depois como Vosso, esse benefício. [...] Mas lembrai-Vos, Senhor, que somos pó e que do pó criastes o homem» (*Confissões*, 10, 31, 45). Por isso, vos dizemos: «Concedei-me o que me ordenais e ordenai-me o que quiserdes» (*ibid.*).

FESTA DO BATISMO DO SENHOR
CELEBRAÇÃO DA SANTA MISSA E BATISMO DE ALGUMAS CRIANÇAS

Capela Sistina

Domingo, 11 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Quando o Senhor entra na história, vem ao encontro da vida de cada um com coração aberto e humilde. Com o seu olhar, cheio de amor, Ele procura o nosso olhar e dialoga conosco, revelando-nos o Verbo da salvação. Feito homem, o Filho de Deus realiza para todos uma surpreendente possibilidade, que inaugura um tempo novo e inesperado, mesmo para os profetas.

João Batista percebe-o imediatamente e pergunta a Jesus: «Eu é que tenho necessidade de ser batizado por ti, e Tu vens a mim?» (*Mt 3, 14*). Como luz nas trevas, o Senhor faz-se encontrar ali onde não o esperamos: é o Santo entre os pecadores, que quer habitar no meio de nós sem manter distâncias, antes assumindo até ao fim tudo o que é humano. «Deixa por agora», responde Jesus a João, pois «convém que cumpramos assim toda a justiça» (v. 15). Qual justiça? A de Deus, que no batismo de Jesus realiza a nossa justificação: na sua infinita misericórdia, o Pai torna-nos justos por meio do seu Cristo, o único Salvador de todos. Como acontece isso? Aquele que é batizado por João no Jordão faz deste gesto um novo sinal de morte e ressurreição, de perdão e comunhão. Eis o Sacramento que celebramos hoje com as vossas crianças: porque Deus as ama, elas tornam-se cristãs, nossos irmãos e irmãs.

Os filhos que agora tendes nos braços são transformados em novas criaturas. Assim como receberam a vida de vós, pais e mães, eles recebem agora o sentido para a viver: a fé. Quando sabemos que um bem é essencial, imediatamente o procuramos para aqueles que amamos. Quem de nós, afinal, deixaria os recém-nascidos sem roupa ou alimento, à espera que escolham como se vestir e o que comer quando crescerem? Caríssimos, se

comida e vestuário são necessários para viver, a fé é mais do que necessária, porque com Deus a vida encontra a salvação.

O seu amor providencial manifesta-se na terra através de vós, mães e pais que pedis a fé para os vossos filhos. Chegará certamente o dia em que eles se tornarão pesados demais para serem carregados nos braços; e chegará também o dia em que serão eles a sustentar-vos. O Batismo, que nos une na única família da Igreja, santifique sempre todas as vossas famílias, dando força e constância ao afeto que vos une.

Os gestos que daqui a pouco realizaremos são lindos testemunhos disso: a água da fonte é o lavacro no Espírito, que purifica de todos os pecados; a veste branca é o traje novo, que Deus Pai nos dá para a festa eterna do seu Reino; a vela acesa no Círio pascal é a luz de Cristo ressuscitado, que ilumina o nosso caminho. Espero que o continueis com alegria ao longo do ano que começa e por toda a vida, certos de que o Senhor acompanhará sempre os vossos passos.

SOLENIIDADE DA CONVERSÃO DE SÃO PAULO APÓSTOLO
CELEBRAÇÃO DAS SEGUNDAS VÉSPERAS LIX SEMANA DE ORAÇÃO PELA UNIDADE
DOS CRISTÃOS

Basílica de São Paulo Extramuros

Domingo, 25 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Numa das passagens bíblicas que acabámos de ouvir, o apóstolo Paulo define-se como «o menor dos apóstolos» (*1 Cor 15, 9*). Ele considera-se indigno deste título, porque no passado foi um perseguidor da Igreja de Deus. No entanto, ele não se sente prisioneiro desse passado, mas sim «o prisioneiro no Senhor» (*Ef 4, 1*). Na verdade, pela graça de Deus, conheceu o Senhor Jesus Ressuscitado, que se revelou a Pedro, depois aos Apóstolos e a centenas de outros seguidores do Caminho e, por fim, também a ele, um perseguidor (cf. *1 Cor 15, 3-8*). O seu encontro com o Ressuscitado determina a conversão que hoje comemoramos.

O alcance dessa conversão reflete-se na mudança do seu nome, de Saulo para Paulo. Por graça de Deus, aquele que outrora perseguia Jesus foi completamente transformado e tornou-se sua testemunha. Aquele que combatia ferozmente contra o nome de Cristo, agora prega o seu amor com zelo ardente, como expressa vivamente o hino que cantámos no início desta celebração (cf. *Excelsam Pauli gloriam*, v. 2). Ao estarmos reunidos junto dos restos mortais do Apóstolo das Gentes, deste modo se nos recorda que a sua missão é também a missão dos cristãos de hoje: anunciar Cristo e convidar todos a depositarem a sua confiança n'Ele. Com efeito, cada verdadeiro encontro com o Senhor é um momento transformador, que dá uma nova visão e uma nova orientação no cumprimento da tarefa de edificar o Corpo de Cristo (cf. *Ef 4, 12*).

O Concílio Vaticano II, no início da Constituição sobre a Igreja, declarou o ardente desejo de anunciar o Evangelho a cada criatura (cf. *Mc 16, 15*) e assim «iluminar com a luz de Cristo, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens» (cf. Const. dogm. Lumen gentium, 1). É tarefa

comum dos cristãos dizer ao mundo, com humildade e alegria: «Olhai para Cristo! Aproximai-vos d'Ele! Acolhei a sua Palavra que ilumina e consola!» (*Homilia na Missa para o início do Ministério Petrino*, 18 de maio de 2025). Caríssimos, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos convida-nos anualmente a renovar o nosso comum compromisso nesta grande missão, conscientes que as divisões entre nós, não impedindo certamente a luz de Cristo de brilhar, todavia tornam mais opaco o rosto que a deve refletir no mundo.

No ano passado, celebrámos os 1700 anos do Concílio de Nicéia. Sua Santidade Bartolomeu, Patriarca Ecuménico, convidou-nos a celebrar este aniversário em Iznik, e dou graças a Deus pela presença de tantas tradições cristãs nessa comemoração, ocorrida há dois meses. Recitar juntos o Credo niceno no próprio local onde fora redigido constituiu um testemunho precioso e inesquecível da nossa unidade em Cristo. Esse momento de fraternidade permitiu-nos também louvar o Senhor pela obra que realizou nos Padres de Nicéia, ajudando-os a expressar com clareza a verdade de um Deus que se fez próximo de nós, encontrando-nos em Jesus Cristo. Possa também hoje o Espírito Santo achar em nós uma inteligência dócil para, a uma só voz, comunicarmos a fé aos homens e mulheres do nosso tempo!

No trecho da Carta aos Efésios escolhido como tema para a Semana de Oração deste ano, ouvimos repetir continuamente o qualificativo “um”: *um* só corpo, *um* só Espírito, *uma* só esperança, um só Senhor, *uma* só fé, *um* só batismo, *um* só Deus (cf. *Ef* 4, 4-6). Queridos irmãos e irmãs, como poderão estas palavras inspiradas não nos tocar profundamente? Como poderá o nosso coração não arder perante o seu impacto? Sim, «compartilhamos a fé no único Deus, Pai de todos os homens, confessamos juntos o único Senhor e verdadeiro Filho de Deus, Jesus Cristo, e o único Espírito Santo, que nos inspira e nos impele à plena unidade e ao testemunho comum do Evangelho» (Carta ap. *In unitate fidei*, 12). Somos um! Já o somos! Reconheçamo-lo, experimentemo-lo, manifestemo-lo!

O meu amado predecessor, Papa Francisco, observou que o caminho sinodal da Igreja Católica «é e deve ser ecuménico, assim como o caminho ecuménico é sinodal» (*Discurso a S.S. Mar Awa III*, 19 de novembro de 2022). Isto mesmo se refletiu nas duas Assembleias do Sínodo dos Bispos

de 2023 e 2024, caracterizadas por um profundo zelo ecuménico e enriquecidas pela participação de numerosos delegados fraternos. Considero que este seja um caminho para crescermos juntos no conhecimento mútuo das respetivas estruturas e tradições sinodais. Enquanto aguardamos os 2000 anos da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus em 2033, comprometamo-nos a desenvolver ainda mais as práticas sinodais ecuménicas e a partilhar reciprocamente o que somos, o que fazemos e o que ensinamos (cf. *Para uma Igreja sinodal*, 137-138).

Caríssimos, ao terminar esta Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, dirijo a minha cordial saudação ao Cardeal Kurt Koch, aos membros, consultores e à equipa do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, com os membros dos diálogos teológicos e de outras iniciativas promovidas pelo Dicastério. Agradeço a presença nesta liturgia de tantos líderes e representantes das várias Igrejas e Comunhões cristãs mundiais, em particular do Metropolita Polykarpos, pelo Patriarcado Ecuménico, do Arcebispo Khajag Barsamian, pela Igreja Apostólica Arménia, e do Bispo Anthony Ball, pela Comunhão Anglicana. Saúdo também os estudantes com bolsas da Comissão para a Colaboração Cultural com as Igrejas Ortodoxas e Ortodoxas Orientais do Dicastério para a Promoção da Unidade dos Cristãos, os estudantes do Instituto Ecuménico de Bossey do Conselho Mundial das Igrejas, os grupos ecuménicos e os peregrinos que participam nesta celebração.

O material para a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos deste ano foi preparado pelas Igrejas da Arménia. Com profunda gratidão, pensamos no corajoso testemunho cristão do povo arménio ao longo da história: uma história em que o martírio foi uma marca constante. No final desta Semana de Oração, recordamos o santo católico São Nerses Snorkhali “o Gracioso”, que trabalhou pela unidade da Igreja no século XII. À frente do seu tempo, ele compreendeu que a procura da unidade é uma tarefa que cabe a todos os fiéis e requer a cura da memória. São Nerses pode também ensinar-nos qual atitude adotar no nosso caminho ecuménico, como recordou o meu venerado predecessor *São João Paulo II*: «Os cristãos devem ter uma profunda convicção interior de que a unidade é essencial não por uma vantagem estratégica ou um ganho político, mas pelo

interesse da pregação do Evangelho» (*Homilia na Celebração Ecuménica*, Ierevan, 26 de setembro de 2001).

A tradição entrega-nos o testemunho da Arménia como a primeira nação cristã, com o batismo do rei Tiridate em 301 por São Gregório, o Iluminador. Demos graças pela forma como, por meio de intrépidos anunciadores da Palavra que salva, os povos da Europa Oriental e Ocidental acolheram a fé em Jesus Cristo; e rezemos para que as sementes do Evangelho continuem a produzir neste Continente frutos de unidade, justiça e santidade, também em benefício da paz entre os povos e as nações do mundo inteiro.

APRESENTAÇÃO DO SENHOR
XXX JORNADA MUNIDAL DA VIDA CONSAGRADA

Basílica de São Pedro

Segunda-feira, 2 de fevereiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs, hoje, na Festa da Apresentação do Senhor, o Evangelho fala-nos de Jesus que, no Templo, é reconhecido e anunciado como o Messias por Simeão e Ana (cf. *Lc* 2, 22-40). Apresenta-nos o encontro entre dois movimentos de amor: Deus que vem salvar o homem e o homem que, com fé vigilante, espera a sua vinda.

Da parte de Deus, ter sido Jesus apresentado no grande cenário de Jerusalém como filho de uma família pobre mostra-nos como Ele se oferece a nós, respeitando plenamente a nossa liberdade e partilhando totalmente a nossa pobreza. Com efeito, não há nada de coercitivo nas suas ações, mas apenas o poder desarmante da sua gratuidade desarmada. Por outro lado, da parte do homem, nos dois anciãos, Simeão e Ana, a expectativa do povo de Israel é representada no seu auge, como o ponto culminante de uma longa história de salvação, que se desenrola desde o jardim do Éden até aos pátios do Templo; uma história marcada por luzes e sombras, quedas e ressurgimentos, mas sempre percorrida por um único desejo vital: restabelecer a plena comunhão da criatura com o seu Criador. Assim, a poucos passos do “Santo dos Santos”, a Fonte da luz oferece-se como lâmpada para o mundo e o Infinito entrega-se ao finito, de uma forma tão humilde que quase passa despercebida.

Celebramos o XXX Dia da Vida Consagrada com base neste episódio, reconhecendo nele um ícone da missão dos religiosos e religiosas na Igreja e no mundo, conforme exortou o Papa Francisco: «Espero que “desperteis o mundo”, porque a nota característica da vida consagrada é a profecia» (*Carta ap. às pessoas consagradas pela proclamação do Ano da Vida Consagrada*, 21 de novembro de 2014, II, 2). Queridos irmãos e irmãs, a Igreja pede-vos para serdes profetas: mensageiros e mensageiras que anunciam a presença do Senhor e preparam o seu caminho. Para usar as

expressões de Malaquias, escutadas na primeira leitura, ela exorta a que vos torneis, no vosso generoso “esvaziamento” pelo Senhor, braseiros para o fogo do fundidor e vasos para a barrela do lavadeiro (cf. Ml 3, 1-3), para que Cristo, único e eterno Anjo da Aliança, presente também hoje entre os homens, possa fundir e purificar os corações com o seu amor, com a sua graça e com a sua misericórdia. E isto é o que sois chamados a fazer, em primeiro lugar, através do sacrifício da vossa existência, enraizados na oração e prontos a consumir-vos na caridade (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 44).

Os vossos fundadores e fundadoras, dóceis à ação do Espírito Santo, deixaram-vos modelos maravilhosos de como viver efetivamente este mandato. Em contínua tensão entre a terra e o Céu, com fé e coragem, partindo da Mesa Eucarística, deixaram-se levar uns ao silêncio dos claustros, outros aos desafios do apostolado, outros ao ensino nas escolas, outros à miséria das ruas e outros ainda às fadigas da missão. Com a mesma fé, regressaram, uma e outra vez, humilde e sabiamente, aos pés da Cruz e diante do Sacrário, para oferecer tudo e reencontrar em Deus a fonte e a meta de todas as suas ações. Com a força da graça, lançaram-se também em iniciativas arriscadas, tornando-se presença orante em ambientes hostis e indiferentes, mão generosa e ombro amigo em contextos de degradação e abandono, testemunho de paz e reconciliação no meio de cenários de guerra e ódio, prontos também a sofrer as consequências de uma ação contracorrente que os tornou em Cristo «sinal de contradição» (Lc 2, 34), às vezes até ao martírio.

O Papa Bento XVI escreveu que «a interpretação da Sagrada Escritura ficaria incompleta se não se ouvisse também quem viveu verdadeiramente a Palavra de Deus» (Ex. ap. pós-sinodal *Verbum Domini*, 48). Queremos, pois, recordar os irmãos e irmãs que nos precederam como protagonistas desta «tradição profética, na qual a Palavra de Deus se serve da própria vida do profeta» (ibid., 49). Fazemo-lo sobretudo para receber o testemunho deles.

Na verdade, ainda hoje, com a profissão dos conselhos evangélicos e com os múltiplos serviços de caridade que oferecis numa sociedade onde, em nome de um conceito falso e reduzido da pessoa, a fé e a vida parecem

cada vez mais distanciar-se uma da outra, sois chamados a testemunhar que Deus está presente na história como salvação para todos os povos (cf. *Lc 2, 30-31*). Sois chamados a testemunhar que, antes de tudo, o jovem, o idoso, o pobre, o doente, o prisioneiro têm o próprio lugar sagrado ao seu Altar e no seu Coração e, ao mesmo tempo, que cada um deles é um santuário inviolável da sua presença, diante do qual se deve ajoelhar para o encontrar, adorar e glorificar.

Prova disso são os numerosos “baluartes do Evangelho” que muitas das vossas comunidades conservam nos contextos mais variados e desafiantes, mesmo no meio de conflitos. Não se vão embora; nem fogem; mas permanecem, despojadas de tudo, para ser um apelo, mais eloquente do que mil palavras, à sacralidade inviolável da vida na sua mais pura essência – mesmo onde retumbam as armas e onde parece prevalecer a prepotência, o interesse e a violência – fazendo, com a sua presença, eco das palavras de Jesus: «Livrai-vos de desprezar um só destes pequeninos, pois [...] os seus anjos, no Céu, veem constantemente a face de meu Pai» (*Mt 18, 10*).

E gostaria de me deter, a este respeito, na oração do velho Simeão, que a cada dia todos recitamos: «Agora, Senhor, segundo a tua palavra, deixarás ir em paz o teu servo, porque meus olhos viram a Salvação» (*Lc 2, 29-30*). Efetivamente, a vida religiosa, com o seu sereno desapego de tudo o que passa, ensina a indissociabilidade entre o cuidado mais autêntico pelas realidades terrenas e a esperança amorosa daquelas eternas, escolhidas já nesta vida como fim último e exclusivo, capaz de iluminar todo o resto. Simeão viu em Jesus a salvação e sente-se livre diante da vida e da morte. «Justo e piedoso» (*Lc 2, 25*), ao lado de Ana, que «não se afastava do templo» (*ibid.* v. 37), mantém o olhar fixo nos bens futuros.

O Concílio Vaticano II recorda-nos que «a Igreja [...] só na glória celeste alcançará a sua realização acabada, [...] quando, juntamente com o género humano, também o universo inteiro [...] for perfeitamente restaurado em Cristo» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. dogm. *Lumen gentium*, 48). Esta profecia também está confiada a todos vós, homens e mulheres com pés bem assentes na terra, que ao mesmo tempo aspirais «sempre às coisas do alto» (Missal Romano, *Coleta da Missa da Solenidade da Assunção da Virgem santa Maria*). Cristo morreu e ressuscitou para

«libertar aqueles que, por medo da morte, passavam toda a vida dominados pela escravidão» (*Heb 2, 15*), e vós, empenhados em segui-lo mais de perto, participando no seu “despojamento” para viver no seu Espírito (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Decreto *Perfectae caritatis*, 28 de outubro de 1965, 5), podeis mostrar ao mundo, na liberdade de quem ama e perdoa sem medida, o caminho para superar conflitos e semear fraternidade.

Queridas consagradas e queridos consagrados, a Igreja agradece hoje ao Senhor e a cada um a vossa presença, e encoraja-vos a ser, onde quer que a Providência vos envia, fermento de paz e sinal de esperança. Confiemos a vossa obra à intercessão de Maria Santíssima e de todos os vossos santos Fundadores e Fundadoras, enquanto juntos renovamos sobre o Altar a oferta da nossa vida a Deus.

Paróquia de Santa Maria "Regina Pacis", Ostia Lido (Roma)

VI Domingo do Tempo Comum, 15 de fevereiro de 2026

Prezados irmãos e irmãs!

É para mim motivo de grande alegria estar aqui e viver com a vossa comunidade o gesto do qual o “domingo” recebe o seu nome. É “o dia do Senhor”, porque Jesus Ressuscitado vem ao meio de nós, escuta-nos, fala-nos, alimenta-nos e envia-nos. Assim, no Evangelho que hoje ouvimos, Jesus anuncia-nos a sua “nova lei”: não apenas um ensinamento, mas a força para o pôr em prática. É a graça do Espírito Santo que escreve de modo indelével no nosso coração, levando a cumprimento os mandamentos da antiga aliança (cf. *Mt* 5, 17-37).

Através do Decálogo, após a saída do Egito, Deus tinha sancionado a aliança com o seu povo, oferecendo um projeto de vida e uma vereda de salvação. Portanto, as “Dez palavras” situam-se e compreendem-se no caminho de libertação, graças ao qual um conjunto de tribos divididas e oprimidas se transforma num povo unido e livre. Assim, na longa caminhada através do deserto, aqueles mandamentos aparecem como a luz que indica o caminho; e a sua observância compreende-se e realiza-se não tanto como cumprimento formal de preceitos, mas como ato de amor, de correspondência reconhecida e confiante ao Senhor da aliança. Por isso, a lei oferecida por Deus ao seu povo não está em contraste com a sua liberdade mas, pelo contrário, é a condição para a fazer florescer.

Assim, a primeira Leitura, tirada do livro do Eclesiástico (cf. 15, 16-21), e o Salmo 118, com o qual entoamos a nossa resposta, convidam-nos a ver nos mandamentos do Senhor não uma lei opressiva, mas a sua pedagogia para a humanidade que procura a plenitude de vida e liberdade.

A este respeito, no início da Constituição pastoral *Gaudium et spes*, encontramos uma das mais bonitas expressões do Concílio Vaticano II, na qual quase sentimos palpitar o coração de Deus através do coração da Igreja. O Concílio diz: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as

angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 1).

Esta profecia de salvação flui abundantemente na pregação de Jesus, que tem início nas margens do lago da Galileia com o anúncio das Bem-Aventuranças (cf. *Mt* 5, 1-12) e continua a mostrar o sentido autêntico e pleno da lei de Deus. O Senhor diz: «Ouvistes que foi dito aos antigos: não matarás; quem matar será submetido a julgamento. Digo-vos, pois: todo aquele que se irar contra o seu irmão será castigado pelos juízes. Quem disser ao seu irmão: “Estúpido”, será submetido ao sinédrio; e quem lhe disser: “Louco”, será condenado ao fogo da Geena» (*Mt* 5, 21-22). Assim, indica como caminho para a plenitude do homem uma fidelidade a Deus fundada no respeito e no cuidado pelo próximo, na sua sacralidade inviolável, a cultivar antes ainda que com gestos e palavras, no coração. Na verdade, é ali que nascem os sentimentos mais nobres, mas também as profanações mais dolorosas: o egoísmo, a inveja, o ciúme, pelo que quantos pensam mal do próprio irmão, alimentando sentimentos negativos em relação a ele, é como se, no seu íntimo, já o matassem. Não é por acaso que São João afirma: «Quem odeia o seu irmão é homicida» (*1 Jo* 3, 15).

Como são verdadeiras estas palavras! E se também nós julgássemos os outros, desprezando-os, lembremo-nos de que o mal que vemos no mundo tem as suas raízes precisamente ali, onde o coração se torna insensível, duro e pobre em misericórdia.

Isto experimenta-se também aqui, em Ostia, onde infelizmente a violência existe e fere, ganhando terreno às vezes entre os jovens e os adolescentes, talvez alimentada pelo uso de substâncias; ou pela ação de organizações criminosas, que exploram as pessoas, envolvendo-as nos seus crimes, e que perseguem interesses iníquos com métodos ilegais e imorais.

Perante tais fenómenos, convido todos vós, como Comunidade paroquial, unidos a outras realidades virtuosas ativas nestes bairros, a continuar a dedicar-vos com generosidade e coragem para espalhar nas vossas ruas e nas vossas casas a boa semente do Evangelho. Não vos

resigneis à cultura da opressão e da injustiça. Pelo contrário, propagai o respeito e a harmonia, começando por desarmar as linguagens e, em seguida, investindo energias e recursos na educação, especialmente dos adolescentes e da juventude. Sim, que na paróquia possam aprender a honestidade, a hospitalidade, o amor que supera as fronteiras; aprender a ajudar não só aqueles que retribuem e saudar não só aqueles que saúdam, mas ir ao encontro de todos de maneira gratuita e livre; aprender a coerência entre fé e vida, como nos ensina Jesus, quando diz: «Se estiveres prestes a fazer a tua oferta diante do altar e te lembrares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa lá a tua oferta, diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; depois, volta para apresentar a tua oferta» (Mt 5, 23-24).

Caríssimos, seja este o objetivo dos vossos esforços e atividades, para o bem dos próximos e dos distantes, a fim de que também aqueles que são escravos do mal possam encontrar, através de vós, o Deus do amor, o único que liberta o coração e nos torna verdadeiramente felizes.

Há cento e dez anos, o Papa Bento XV quis que esta Paróquia fosse dedicada a *Santa Maria Regina Pacis*. Fê-lo em pleno primeiro conflito mundial, pensando também na vossa comunidade como num raio de luz no céu sombrio devido à guerra. Com o passar do tempo, infelizmente, muitas nuvens ainda obscurecem o mundo, com a difusão de lógicas contrárias ao Evangelho, que exaltam a supremacia do mais forte, encorajam a arrogância e alimentam a sedução da vitória a qualquer custo, surdas ao clamor de quem sofre e de quem está indefeso!

Oponhamos a esta deriva a força desarmante da mansidão, continuando a pedir a paz e a acolher e cultivar o seu dom, com tenacidade e humildade. Santo Agostinho ensinava que «não é difícil possuir a paz [...]. Se [...] a quisermos, ela está ali, ao nosso alcance, e podemos possuí-la sem qualquer esforço» (*Sermo* 357, 1). E isto porque a nossa paz é Cristo, que se conquista deixando-se conquistar e transformar por Ele, abrindo-lhe o coração e, com a sua graça, abrindo-o a quantos Ele mesmo coloca no nosso caminho.

Fazei-o também vós, amadas irmãs e irmãos, dia após dia. Fazei-o juntos, como comunidade, com a ajuda de Maria, Rainha da Paz. Que Ela,

Mãe de Deus e nossa Mãe, nos preserve e ampare sempre. Amém!

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

Basílica de Santa Sabina

Quarta-feira, 18 de fevereiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs!

No início de cada tempo litúrgico, redescobrimos com alegria sempre renovada a graça de ser Igreja, comunidade convocada para escutar a Palavra de Deus. O profeta Joel chegou até nós com a sua voz que tira cada um do seu isolamento e faz da conversão uma urgência, concomitantemente, pessoal e pública: «Reuni o povo, purificai a assembleia, juntai os anciãos, congregai os pequeninos e os meninos de peito» (Jl 2, 16). Ele menciona pessoas cuja ausência não seria difícil justificar: as mais frágeis e menos capazes de participar em grandes reuniões. Depois, o profeta nomeia o esposo e a esposa: parece retirá-los da sua intimidade, para que se sintam parte de uma comunidade maior. Em seguida, é a vez dos sacerdotes, já presentes – quase por dever – «entre o pórtico e o altar» (v. 17); eles são convidados a chorar e a encontrar as palavras certas para todos: «Tem piedade do teu povo, Senhor!» (v. 17).

Também hoje, a Quaresma é um forte tempo de comunidade: «Reuni o povo, purificai a assembleia» (Jl 2, 16). Sabemos como é cada vez mais difícil reunir as pessoas e sentir-se povo, não de forma nacionalista e agressiva, mas na comunhão em que cada um encontra o seu lugar. Aqui ganha forma um povo que reconhece os próprios pecados, ou seja, reconhece que o mal não vem de presumíveis inimigos, mas que tocou os corações, que está dentro da própria vida e que deve ser enfrentado com um corajoso assumir de responsabilidades. Devemos admitir que se trata de uma atitude contracorrente, mas que constitui uma verdadeira opção, honesta e atraente, quando é tão natural o declarar-se impotente diante de um mundo em chamas. Sim, a Igreja também existe como profecia de comunidades que reconhecem os seus pecados.

É claro que o pecado é pessoal, mas ele ganha forma nos ambientes reais e virtuais que frequentamos, nas atitudes com que nos condicionamos mutuamente, muitas vezes dentro de autênticas “estruturas de pecado” de ordem económica, cultural, política e até religiosa. Opor o Deus vivo à idolatria – ensina-nos a Escritura – significa ousar a liberdade e reencontrá-la através de um êxodo, de um caminho. Já não paralisados, rígidos, seguros nas nossas posições, mas congregados para nos movimentarmos e mudarmos. Como é raro encontrar adultos que se arrependem, pessoas, empresas e instituições que admitem ter errado!

Hoje, entre nós, trata-se precisamente desta possibilidade. Não é por acaso que muitos jovens, mesmo em contextos secularizados, sentem – mais do que no passado – o apelo deste dia: Quarta-feira de Cinzas. Na verdade, são eles, os jovens, quem percebe nitidamente que é possível um modo de vida mais justo e que existem responsabilidades por tudo o que não funciona na Igreja e no mundo. É necessário, portanto, começar por onde se pode e com quem está presente. «É este o tempo favorável, é este o dia da salvação!» (2 Cor 6, 2). Compreendamos, pois, o alcance missionário da Quaresma, não para nos distrairmos do trabalho em nós mesmos, mas para o abrirmos a tantas pessoas inquietas e de boa vontade, que procuram caminhos para uma autêntica renovação de vida, no horizonte do Reino de Deus e da sua justiça.

«Porque diriam [os povos]: “Onde está o seu Deus?”» (Jl 2, 17). A pergunta do profeta é como um forte golpe. Ela lembra-nos também aqueles pensamentos que nos dizem respeito, surgindo entre quem observa o povo de Deus do lado de fora. A Quaresma, com efeito, estimula-nos às mudanças de direção – conversões – que tornam mais crível o nosso anúncio.

Há sessenta anos, poucas semanas após a conclusão do Concílio Vaticano II, São Paulo VI desejou celebrar publicamente o Rito das Cinzas, tornando claro a todos, durante uma audiência geral na Basílica de São Pedro, o gesto que hoje estamos prestes a realizar. Falou dele como uma «cerimónia penitencial severa e impressionante» (*Audiência Geral*, 23 de fevereiro de 1966), que fere o senso comum e, ao mesmo tempo, intercepta as questões da cultura. Dizia ele: «Nós, modernos, podemos perguntar-nos

se esta pedagogia ainda é compreensível. Respondemos afirmativamente. Porque é uma pedagogia realista. É um severo apelo à verdade. Ela reconduz-nos à visão correta da nossa existência e do nosso destino».

Essa “pedagogia penitencial” – dizia Paulo VI – «surpreende o homem moderno sob dois aspectos»: o primeiro é «o da sua imensa capacidade de ilusão, de autossugestão, de engano sistemático de si mesmo sobre a realidade da vida e dos seus valores». O segundo aspecto é «o pessimismo fundamental» que o Papa Montini constatava em toda a parte: «A maior parte da documentação humana que nos é oferecida hoje pela filosofia, pela literatura, pelo espetáculo – dizia ele – acaba por proclamar a inevitável vaidade de todas as coisas, a imensa tristeza da vida, a metafísica do absurdo e do nada. Esta documentação é uma apologia das cinzas».

Hoje podemos reconhecer a profecia contida nestas palavras e sentir nas cinzas que nos são impostas o peso de um mundo em chamas, de cidades inteiras destruídas pela guerra: as cinzas do direito internacional e da justiça entre os povos, as cinzas de ecossistemas inteiros e da concórdia entre as pessoas, as cinzas do pensamento crítico e de antigas sabedorias locais, as cinzas daquele sentido do sagrado que habita em cada criatura.

«Onde está o seu Deus?», perguntam os povos. Sim, caríssimos, a história pergunta-no-lo mas, ainda antes, a nossa consciência: chamar a morte pelo nome, carregar os seus sinais, porém testemunhar a ressurreição. Reconhecer os nossos pecados para nos convertermos é já um presságio e um testemunho da ressurreição: significa, efetivamente, não nos determos nas cinzas, mas levantarmo-nos e reconstruir. Então, o Tríduo Pascal, que celebraremos ao culminar o caminho quaresmal, desprenderá toda a sua beleza e significado. Fá-lo-á envolvendo-nos, através da penitência, na passagem da morte para a vida, da impotência para as possibilidades de Deus.

Por isso, os mártires antigos e contemporâneos brilham como pioneiros do nosso caminho rumo à Páscoa. A antiga tradição romana das *stationes quaresmais* – da qual esta de hoje é a primeira – é educativa: remete tanto para o movimento, como peregrinos, quanto para a estação – *statio* – junto às “memórias” dos Mártires, sobre as quais se erguem as basílicas de Roma. Não é, porventura, um convite a colocarmo-nos nas pegadas dos

testemunhos admiráveis que agora se espalham por todo o mundo? Reconhecer lugares, histórias e nomes de quem escolheu o caminho das Bem-aventuranças e levou até ao fim as suas consequências. Uma miríade de sementes que, mesmo quando pareciam perdidas, sepultadas na terra, prepararam a messe abundante que nos cabe colher. Como nos sugeriu o Evangelho, a Quaresma, libertando-nos do desejo de sermos vistos a todo o custo (cf. *Mt* 6, 2.5.16), ensina-nos a ver antes o que nasce, o que cresce, impelindo-nos a servi-lo. É a profunda sintonia que, no segredo de quem jejua, reza e ama, se estabelece com o Deus da vida, Pai nosso e de todos. A Ele redirecionemos, com sobriedade e alegria, todo o nosso ser, todo o nosso coração.

VISITA PASTORAL

Paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Castro Pretorio (Roma)

I domingo de Quaresma, 22 de fevereiro de 2026

Caríssimos irmãos e irmãs!

Há alguns dias, com o rito das Cinzas, demos início ao caminho quaresmal. A Quaresma é um tempo litúrgico intenso, que nos oferece a ocasião de redescobrir a riqueza do nosso Batismo, para viver como criaturas plenamente renovadas graças à encarnação, morte e ressurreição de Jesus.

A primeira Leitura e o Evangelho, que ouvimos, em diálogo entre si, ajudam-nos a redescobrir precisamente o dom do Batismo como graça que encontra a nossa liberdade. A narração do Génesis leva-nos à nossa condição de criaturas, postas à prova não tanto por uma proibição, como muitas vezes se pensa, mas por uma possibilidade: a possibilidade de uma relação. Isto é, o ser humano é livre para reconhecer e aceitar a alteridade do Criador, que reconhece e aceita a alteridade das criaturas. Para impedir esta possibilidade, a serpente insinua a presunção de poder anular todas as diferenças entre as criaturas e o Criador, seduzindo o homem e a mulher com a ilusão de se tornarem como Deus. Satanás impele-os a apoderar-se de algo que – diz assim – Deus gostaria de lhes negar para os manter sempre em condição de inferioridade. Este cenário do Génesis é uma obra-prima insuperável, que representa o drama da liberdade.

O Evangelho parece responder ao antigo dilema: posso realizar a minha vida em plenitude, dizendo “sim” a Deus? Ou, para ser livre e feliz, devo libertar-me d’Ele?

No fundo, a cena das tentações de Cristo aborda esta dramática interrogação. Leva-nos a descobrir a verdadeira humanidade de Jesus que, como ensina a Constituição conciliar Gaudium et spes, revela o homem a si mesmo: «O mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (GS, 22). Com efeito, vemos o Filho de Deus

que, opondo-se às insídias do antigo Adversário, nos mostra o homem novo, o homem livre, epifania da liberdade que se realiza dizendo “sim” a Deus.

Esta nova humanidade nasce da fonte batismal. E então – especialmente neste Tempo de Quaresma – somos chamados a redescobrir a graça do Batismo, como nascente de vida que habita em nós e que, de maneira dinâmica, nos acompanha no mais absoluto respeito pela nossa liberdade.

Em primeiro lugar, o próprio Sacramento é dinâmico, porque o que oferece não se esgota no âmbito do espaço e do tempo do rito, mas é uma graça que acompanha constantemente toda a vida, sustentando o nosso seguimento de Cristo. Mas o Batismo é dinâmico também porque nos coloca sempre de novo a caminho, uma vez que a graça é uma voz interior que nos exorta a conformar-nos com Jesus, libertando a nossa liberdade para que ela encontre o seu cumprimento no amor a Deus e ao próximo.

Assim compreendemos a natureza relacional do Batismo, que chama a viver a amizade com Jesus e, deste modo, a entrar na sua comunhão com o Pai. Esta relação cheia de graça torna-nos capazes de viver inclusive uma autêntica proximidade com os outros, uma liberdade que – ao contrário do que o diabo propõe a Jesus – não consiste na busca do próprio poder, mas no amor que se oferece, tornando-nos todos irmãos e irmãs. Sim, São Paulo afirma: «Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus» (*Gl 3, 28*).

Irmãos e irmãs, o Papa Leão XIII pediu a São João Bosco que edificasse precisamente aqui a igreja onde hoje nos encontramos. Ele tinha intuído a centralidade deste lugar, ao lado da Estação “Termini”, numa singular encruzilhada da cidade, destinado a tornar-se ainda mais importante ao longo do tempo.

Por isso, caríssimos, encontrando-me hoje convosco, vejo em vós uma especial garantia de proximidade, de vizinhança no contexto dos desafios deste território. Com efeito, ela inclui numerosos jovens universitários, viajantes diários que vão e vêm por motivos de trabalho, imigrantes em busca de emprego, jovens refugiados que descobriram no centro aqui ao lado, por iniciativa dos Salesianos, a possibilidade de encontrar coetâneos

italianos e realizar projetos de integração; além disso, inclui os nossos irmãos que não têm casa e que encontram hospitalidade nos espaços da Cáritas da via Marsala. Em poucos metros, é possível tocar as contradições deste tempo: a despreocupação de quem parte e chega com todas as comodidades, e aqueles que não têm um teto; as muitas potencialidades de bem e uma violência que se alastra; a vontade de trabalhar honestamente e o comércio ilícito de drogas e prostituição.

A vossa paróquia é chamada a enfrentar estas realidades, a ser fermento de Evangelho na massa do território, tornando-se sinal de proximidade e caridade. Agradeço aos Salesianos o trabalho incansável que realizam cada dia e encorajo todos a continuar a ser aqui uma pequena chama de luz e esperança.

Maria Auxiliadora ampare sempre o nosso caminho, fortalecendo-nos nos momentos de tentação e provação, a fim de podermos viver plenamente a liberdade e a fraternidade dos filhos de Deus!

VISITA PASTORAL

Paróquia da Ascensão do Senhor Jesus Cristo (Roma)

II Domingo da Quaresma, 1 de março de 2026

Caríssimos irmãos e irmãs!

Estou feliz por me encontrar entre vós e poder ouvir convosco a Palavra de Deus, com toda a vossa comunidade paroquial. Este domingo coloca-nos diante da viagem de Abraão (cf. *Gn* 12, 1-4) e do acontecimento da Transfiguração de Jesus (cf. *Mt* 17, 1-9).

Com Abraão, cada um de nós pode reconhecer-se a caminho. A vida é uma viagem que exige confiança, exige fidelidade à Palavra de Deus que nos chama e que, às vezes, nos pede para deixar tudo. Então, podemos ser tentados a evitar a precariedade como vertigem que perturba, enquanto é precisamente a partir do seu interior que podemos apreciar uma promessa de grandeza inesperada. Acontece todos os dias – porque o mundo raciocina assim – que medimos tudo, que nos esforçamos por controlar tudo. Mas, desta forma, perdemos a oportunidade de descobrir o verdadeiro tesouro, a pérola preciosa, como nos ensina o Evangelho que Deus, surpreendentemente, escondeu no nosso campo (cf. *Mt* 13, 44).

A viagem de Abraão começa com uma perda: a terra e a casa que conservam as memórias do seu passado. Mas ela realizar-se-á numa nova terra, numa imensa descendência, onde tudo se transforma em bênção. Também nós, se nos deixarmos chamar pela fé para o caminho, a arriscar novas decisões de vida e de amor, deixaremos de ter medo de perder algo, pois sentiremos que crescemos numa riqueza que ninguém pode roubar!

Também os discípulos de Jesus tiveram que enfrentar uma viagem, que os levaria a Jerusalém (cf. *Lc* 9, 51). Lá, na Cidade santa, o Mestre cumpriria a sua missão, oferecendo a vida na cruz e tornando-se bênção para todos e para sempre. Sabemos com quanta resistência Pedro e todos os outros o seguiram! Mas deviam compreender que só se pode ser bênção, superando o instinto de se defender e acolhendo o que Jesus confia ao gesto

eucarístico: a vontade de oferecer o próprio corpo como pão para comer, de viver e morrer para dar vida. Amados irmãos e irmãs, eis o domingo: é a pausa ao longo do caminho que nos reúne em volta de Jesus. Jesus encoraja-nos a não parar e a não mudar de rumo. Não há promessa maior, não há tesouro mais precioso do que viver para dar a vida!

Pouco antes do dia da Transfiguração, Jesus tinha confiado aos seus discípulos qual seria o ponto de chegada da viagem que faziam, ou seja, a sua paixão, morte e ressurreição. Recordareis a oposição de Pedro e a reação de Jesus, que lhe diz: «Tu és para mim um escândalo, pois não pensas segundo Deus, mas segundo os homens» (Mt 16, 23). E eis que, seis dias depois, Jesus pede a Pedro, Tiago e João que o acompanhem até à montanha. Ainda ressoam nos ouvidos aquelas palavras difíceis de ouvir; ainda têm na mente a imagem, para eles inaceitável, do Messias condenado à morte.

É nesta escuridão interior dos discípulos que Jesus irrompe quando, no topo da montanha, se mostra aos seus olhos transfigurado numa luz deslumbrante, inimaginável. E nesta visão gloriosa aparecem ao seu lado também Moisés e Elias, testemunhas de que em Jesus se cumprem todas as Escrituras (cf. *Mt 17, 2-3*).

Mais uma vez, Pedro torna-se porta-voz do nosso mundo antigo e da sua necessidade desesperada de deter as coisas, de as controlar. Um pouco como quando não gostaríamos que acabasse um sonho no qual nos refugiamos. No entanto, aqui não se trata de um sonho, mas de um mundo novo no qual entrar: a meta da nossa viagem, um destino cheio de luz com os contornos humanos e divinos de Jesus. Montando tendas, Pedro gostaria de impedir esta viagem que, ao contrário, deve continuar até Jerusalém (cf. v. 4).

A voz que sai da nuvem é a do Pai, e parece uma imploração: «Eis o meu Filho muito amado... ouvi-o» (v. 5). Aquela voz ressoa hoje para nós: “Ouvi Jesus!”. E eu, caríssimos, no meio de vós, quero fazer eco daquele apelo, dizendo-vos: por favor, irmãs e irmãos, ouçamo-lo! Ele viaja ao nosso lado, ainda hoje, para nos ensinar nesta cidade a lógica do amor incondicional, do abandono de toda a defesa que se torna ofensa. Ouçamo-lo, entremos na sua luz para nos tornarmos luz do mundo, começando pelo

bairro onde vivemos. Toda a vida da paróquia e dos seus grupos existe para isto: trata-se de um serviço à luz, de um serviço à alegria.

Após a Transfiguração no monte, a viagem de Jesus não se interrompe (cf. v. 9). E também a Igreja, inclusive a vossa paróquia, recebe deste Evangelho uma missão. Diante dos numerosos e complexos problemas deste território, que pesam sobre os dias da vossa vida aqui, é-vos confiada a pedagogia do olhar de fé, que transfigura tudo em esperança, colocando em circulação paixão, partilha e criatividade, como cura para as numerosas feridas deste bairro.

Sinto-me muito feliz por saber que esta comunidade paroquial é uma comunidade viva e animada e que, não obstante os graves problemas do contexto territorial, dá testemunho do Evangelho com coragem. Sob o lema programático “Façamos Comunidade”, esta Paróquia empreendeu um caminho para fortalecer o sentido de pertença e o acolhimento de braços abertos, de todos, realmente de todos! Estou contente e encorajo-vos: continuai neste caminho de abertura ao território e de cuidado das suas feridas. E espero que outros se unam a vós para ser aqui, no Quarticciolo, fermento de bem e de justiça.

Também o vosso esforço, jovens, merece ser encorajado. No percurso “Magis”, que me apresentastes há poucos minutos e que é proposto aqui há alguns anos, faz-se referência ao “suplemento”, de que fala Santo Inácio de Loyola nos Exercícios espirituais. É um estímulo para que os adolescentes superem a mediocridade, escolhendo uma vida corajosa, autêntica e boa, que encontra em Jesus Cristo o seu “Magis” por excelência.

Caros irmãos e irmãs, sois sinal de esperança. A luz da Transfiguração já está presente nesta comunidade, porque aqui o Senhor age e porque muitos acreditam no seu dócil poder que tudo transforma. Quando nos damos conta de que muitas coisas à nossa volta não funcionam, às vezes perguntamo-nos: tem sentido o que fazemos? A tentação do desânimo insinua-se, com a perda de motivação e entusiasmo. Pelo contrário, é precisamente diante do mistério do mal que devemos dar testemunho da nossa identidade de cristãos, de pessoas que querem tornar perceptível o Reino de Deus nos lugares e tempos em que vivem. É o meu desejo para todos vós, para esta comunidade paroquial e para os numerosos irmãos e

irmãs que ainda não reconheceram em Jesus a verdadeira luz, a autêntica alegria.

Perante tudo o que deturpa o homem e a vida, continuemos a anunciar e a testemunhar o Evangelho, que transfigura e dá vida. Que a Santíssima Virgem, Mãe da Igreja, nos acompanhe sempre e interceda por nós!

VISITA PASTORAL

Paróquia de "Santa Maria da Apresentação" (Roma)

III Domingo da Quaresma, 8 de março de 2026

Caríssimos irmãos e irmãs!

Estou feliz por me encontrar convosco neste terceiro domingo de Quaresma. É uma etapa importante no nosso seguimento de Jesus, até à sua Páscoa de paixão, morte e ressurreição.

Neste itinerário, a proximidade de Deus e a nossa vida de fé estão profundamente interligadas: renovando em cada um a graça do Batismo, o Senhor chama-nos à conversão, ao mesmo tempo que purifica o nosso coração com o seu amor e com as obras de caridade que nos propõe realizar. A tal propósito, o encontro entre Jesus e a samaritana envolve-nos com grande intensidade. Com efeito, além de falar a nós, o Evangelho de hoje fala de nós, ajudando-nos a rever a nossa relação com Deus.

A sede de vida e de amor da samaritana é a nossa sede: a da Igreja e de toda a humanidade, ferida pelo pecado, mas ainda mais intimamente habitada pelo desejo de Deus. Nós procuramo-lo como a água, até quando não nos damos conta, sempre que nos interrogamos sobre o sentido dos acontecimentos, sempre que sentimos a falta do bem que desejamos para nós e para quantos estão ao nosso lado.

Nesta busca, encontramos Jesus. Ele já está lá, diante do poço, onde a samaritana o encontra sozinho, sob o sol do meio-dia, cansado da viagem. A mulher vai ao poço àquela hora incomum, talvez para evitar os olhares carregados de preconceitos das outras mulheres. Jesus lê no seu coração o motivo desta marginalização: os seus casamentos falhados e a sua atual convivência tornam-na indigna de acompanhar com as filhas, as esposas e as mães da aldeia. No entanto, Jesus senta-se perto do poço como se estivesse à sua espera. Este encontro surpreendente constitui uma das maneiras com que, como o Papa Francisco gostava de repetir, Cristo revela o Deus das surpresas: as mais belas, aquelas que mudam a vida, onde quer

que sejam encontradas e independentemente do modo como ela se apresenta diante do Senhor!

Este homem ama a samaritana como ninguém a tinha amado antes. Enquanto ela procurava a água de cada dia, Ele quer dar-lhe a água nova, viva, capaz de saciar toda a sede e acalmar qualquer inquietação, porque esta água brota do coração de Deus, plenitude inesgotável de toda a espera.

Assim, a iniciativa de Jesus inaugura a busca de um bem maior do que a própria água: «Se conhecesses o dom de Deus», diz o Senhor à mulher. Não se trata de uma repreensão, mas de uma promessa: “Estou aqui para te dar a conhecer Deus, que se faz dom para ti!”. Sim, precisamente para ti, que não o conhecias, que te consideravas distante e condenada. Esta dádiva transformar-te-á: tornar-te-ás, tu própria, nascente que jorra para a vida eterna. Em troca da sede de antes, cheia de amargura e aridez espiritual, o Filho de Deus oferece em dom uma vida renovada pela água que jorra da misericórdia do Pai. Tudo se transforma no encontro com o Senhor: a mulher sedenta torna-se fonte, a excluída torna-se confidente. Agora, a mulher cheia de vergonha está repleta de alegria; aquela que permanecia emudecida no povoado torna-se missionária para todos os seus habitantes.

Nunca teria imaginado que precisamente ela, tão desorientada e derrotada pela vida, um dia poderia saborear a água fresca, puro dom de Deus, tornando-se por sua vez dom para os outros. Como acontece isto? Encontrando Jesus, dialogando com Ele, Verbo vivo de Deus que se faz homem para a nossa salvação.

A narração evangélica mostra com precisão o caminho de crescimento da mulher, que aos poucos reconhece as características fundamentais da identidade de Jesus: homem, profeta, Messias e Salvador. Permanecendo ao seu lado e saboreando a sua companhia, a samaritana torna-se por sua vez fonte de verdade. A água nova do dom de Deus começou a jorrar no seu coração, e ela sente-se imediatamente impelida a voltar à pressa para a sua aldeia, finalmente livre da vergonha e desejosa de dar a conhecer a todos o seu Libertador, Jesus, Aquele que permitiu toda aquela maravilha. Corre precisamente para junto de quantos antes a condenavam, enquanto Deus a perdoou, e narra, anuncia, testemunha. A exigência da água, que a levou ao

poço, agora dá lugar ao desejo de comunicar a veemente novidade que a transformou.

Caríssimos, com o Batismo, todos nós recebemos a graça de uma água nova, que lava todas as culpas e sacia qualquer sede. Assim como à samaritana, também hoje na Quaresma nos é oferecido um tempo para redescobrir o dom deste Sacramento que, como uma porta, nos introduziu na fé e na vida cristã. Como Pastor bom e solícito, o Senhor espera-nos e acompanha-nos sempre, onde vivemos e tal como somos. Cura com misericórdia as nossas feridas e entrega-se por nós, tornando-nos capazes de sermos, por nossa vez, dom para os irmãos.

Sei bem que a vossa comunidade paroquial habita um território com vários desafios. Não faltam situações de marginalidade que preocupam, pobreza material e moral. Até os adolescentes e os jovens correm o risco de crescer enganados por vendedores de morte ou desiludidos em relação ao futuro. Muitos esperam uma casa, um emprego que lhes assegure uma vida digna, ambientes seguros onde poder encontrar-se, brincar, projetar juntos algo de bom.

Tal como no poço do Evangelho, nesta paróquia chegam homens e mulheres feridos na alma, ofendidos na dignidade e sedentos de esperança. Tendes a tarefa, urgente e libertadora, de mostrar a proximidade de Jesus, a sua vontade de resgatar a nossa existência dos males que a ameaçam, com uma proposta de vida justa, verdadeira e plena. Partindo da Eucaristia, coração pulsante de cada comunidade cristã, encorajo-vos a fazer com que as atividades paroquiais sejam sinal de uma Igreja que – como uma mãe – cuida dos seus filhos, sem os condenar, mas acolhendo-os, ouvindo-os e apoiando-os diante do perigo. A palavra do Evangelho, que brota em nós como nascente de verdade, ajude cada um a abrir os olhos, para saber avaliar com sabedoria o que é bom e o que é mau, formando assim consciências livres e adultas.

Caros irmãos e irmãs, ide em frente com confiança! Em todas as situações, o Senhor caminha ao nosso lado, sustentando-nos ao longo do caminho. Que a Virgem Santíssima acompanhe sempre os vossos passos na fé e vos conceda a alegria de ser anunciadores humildes e corajosos do seu Evangelho!

VISITA PASTORAL

Paróquia romana do Sagrado Coração de Jesus em “Ponte Mammolo”
(Roma)

IV Domingo da Quaresma, 15 de março de 2026

Caríssimos irmãos e irmãs!

A nossa Celebração eucarística de hoje está, mais do que nunca, em sintonia com a alegria. De facto, a beleza deste nosso encontro insere-se no contexto do domingo chamado “*laetare*”, ou seja, “alegra-te”, segundo as palavras de Isaías: «Alegra-te, Jerusalém» (*Entrada*, cf. *Is* 66,10).

Isto leva-nos a refletir. Atualmente, no mundo, muitos dos nossos irmãos e irmãs sofrem devido a conflitos violentos, provocados pela absurda pretensão de resolver os problemas e as divergências com a guerra, quando é necessário dialogar sem trégua pela paz. Há quem pretenda, inclusive, envolver o nome de Deus nestas escolhas de morte, mas Deus não pode ser recrutado pelas trevas. Pelo contrário, Ele vem sempre dar luz, esperança e paz à humanidade, e é a paz que devem procurar aqueles que O invocam.

É a mensagem deste domingo: para além de qualquer abismo em que o homem possa cair, por causa dos seus pecados, Cristo vem trazer uma luz mais forte, capaz de o libertar da cegueira do mal, para que comece uma vida nova.

O encontro entre Jesus e o cego de nascença (cf. *Jo* 9,1-41), de facto, pode ser comparado à cena de um parto, graças ao qual ele, como uma criança que vem à luz, descobre um mundo novo, vendo-se a si mesmo, os outros e a vida com os olhos de Deus (cf. *1Sam* 16,9).

Perguntemo-nos, então: em que consiste este olhar? O que revela? O que significa “ver com os olhos de Deus”?

Segundo quanto narra o evangelista João, significa, antes de mais, superar os preconceitos daqueles que, diante de um homem que sofre, veem apenas um pária a desprezar, ou um problema a evitar, fechando-se na torre blindada de um individualismo egoísta. Muitas vezes ouvimos frases do tipo: “Enquanto as coisas corriam bem, eram tantos os amigos; porém, no momento da provação muitos foram-se embora, desapareceram!”. Jesus não age assim: olha para o cego com amor, não como um ser inferior ou uma presença incômoda, mas como uma pessoa querida e necessitada de ajuda. Assim, o seu encontro torna-se uma ocasião para que a obra de Deus se manifeste em todos.

No “sinal”, no milagre, Jesus revela o seu poder divino e o homem, quase revivendo os gestos da criação – o barro, a saliva –, volta a mostrar plenamente a sua beleza e dignidade de criatura feita à imagem e semelhança de Deus. Assim, recuperando a vista, torna-se testemunha de luz.

Claro, isto implica um esforço: tem de se habituar a tantas coisas antes desconhecidas, aprender a distinguir as cores e as formas, redefinir as suas relações, e não é fácil. Pelo contrário, a hostilidade que o rodeia cresce, provoca-o, nem sequer os seus pais têm coragem de o defender (cf. *Jo* 9, 18-23). Absurdamente, parece quase que quem está perto queira anular o que aconteceu. Não só: no interrogatório a que é submetido o cego que agora vê, quem é julgado é sobretudo Jesus, acusado de ter violado, para o curar, o dia de sábado.

Revela-se, assim, nos presentes, outra cegueira, diferente e ainda mais grave: a de não ver, mesmo diante de si, o rosto de Deus, pelo que trocam a possibilidade de um encontro salvífico pela segurança estéril que lhes dá a observância legalista de uma disciplina formal. Perante tal obtusidade, Jesus não se detém, mostrando que não há “sábado” que possa impedir um ato de amor. Aliás, o sentido do descanso sabático, para o povo de Israel – e para nós do domingo, dia do Senhor – é precisamente o de celebrar o mistério da vida como um dom, perante o qual ninguém pode ignorar o grito de socorro do irmão e da irmã que sofrem.

Nesse sentido, talvez, por vezes, também nós possamos ser cegos, quando não nos apercebemos dos outros e dos seus problemas. Jesus, pelo

contrário, pede-nos que vivamos de forma diferente, como bem tinha compreendido a primeira comunidade cristã, na qual os irmãos e as irmãs, constantes na oração, partilhavam tudo com alegria e simplicidade de coração (cf. *At 2*, 42-47). Não que faltassem, mesmo naqueles tempos, tribulações e obstáculos. Mas eles não desistiam: fortalecidos pelo dom do Batismo, esforçavam-se, mesmo assim, por viver como novas criaturas, vivendo em comunhão e em paz com todos e encontrando na comunidade uma família que os acompanhava e apoiava.

Caríssimos, são estes os frutos que somos chamados a dar como filhos da luz (cf. *1Tes 5*, 4-5); e a vossa Paróquia, há cerca de noventa anos, vive com fidelidade esta missão, com especial cuidado pelas situações de pobreza, de marginalização e de emergência, com atenção à presença, no seu território, da prisão de Rebibbia, e com tantos outros sinais de sensibilidade e de solidariedade.

Sei que ajudais muitos irmãos e irmãs, provenientes de outros países, a integrarem-se aqui: a aprender a língua, a encontrar uma casa digna e a exercer um trabalho honesto e seguro. Não faltam as dificuldades, infelizmente por vezes acentuadas por quem, sem escrúpulos, se aproveita da condição de indigência dos mais fracos para servir os seus próprios interesses. No entanto, estou ciente do empenho com que todos vós enfrentais estes desafios, através dos serviços da Caritas, das Casas-família para o acolhimento de mulheres e mães em dificuldade e muitas outras iniciativas. Da mesma forma, conheço a vitalidade e a generosidade com que vos dedicais à educação dos jovens e das crianças, através do oratório e de outras propostas formativas.

Santo Agostinho, falando do rosto de Deus, do qual somos chamados a ser espelho no mundo, dizia aos cristãos do seu tempo: «Que rosto tem o amor? Que forma, que estatura, que pés, que mãos? [...] Tem os pés, que conduzem à Igreja; tem as mãos, que dão aos pobres; tem os olhos, com os quais se vem a conhecer quem está em necessidade» (*In Epistolam Joannis ad Parthos*, 7, 10) e acrescentava, referindo-se à caridade: «Guardai-a, abraçai-a: nada é mais doce do que ela» (ibid.).

Caríssimos irmãos e irmãs, eis o dom de luz que vos é confiado, para que o façais crescer em vós e entre vós em toda a sua doçura e o difundais

no mundo, com a oração, a frequência aos Sacramentos e a caridade. Continuai a empenhar-vos assim no vosso caminho.

Que o Sagrado Coração de Jesus, a quem a vossa Paróquia é dedicada, molde e guarde cada vez mais esta bela comunidade, para que, com os mesmos sentimentos de Cristo (cf. *Fil 2, 5*), viva e testemunhe com alegria e dedicação o tesouro de graça que recebestes.

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE PAPA LEÃO XIV
AO PRINCIPADO DO MÓNACO

ENCONTRO COM A COMUNIDADE CATÓLICA

Catedral da Imaculada Conceição

Sábado, 28 de março de 2026

Queridos irmãos e irmãs!

Temos um advogado perante Deus e junto a Deus: Jesus Cristo, o Justo (cf. *1 Jo 2, 1-2*). Com estas palavras, o apóstolo João ajuda-nos a compreender o mistério da salvação. Na nossa fragilidade, sobrecarregados pelo fardo do pecado que marca a nossa humanidade, incapazes de abraçar, somente com as nossas forças, a plenitude da vida e da felicidade, fomos alcançados pelo próprio Deus por meio do seu Filho Jesus Cristo. Ele – afirma o Apóstolo – como vítima expiatória, tomou sobre si o mal do homem e do mundo, carregou-o conosco e por nós, passou por ele transformando-o e libertou-nos para sempre.

Cristo é o centro dinâmico, é o coração da nossa fé e é a partir desta centralidade que gostaria de me dirigir a vós, ao mesmo tempo que saúdo cordialmente Sua Alteza, o Príncipe Alberto, Sua Excelência Reverendíssima Dom Dominique-Marie David, os sacerdotes e os religiosos e religiosas aqui presentes, expressando a todos vós a alegria de estar aqui e de partilhar o vosso caminho eclesial.

Olhando para Cristo como “advogado”, em referência à leitura que acabámos de ouvir, gostaria de propor-vos algumas reflexões.

A primeira diz respeito ao dom da *comunhão*. Jesus Cristo, o Justo, ao interceder pela humanidade junto do Pai, reconcilia-nos com Ele e entre nós. Ele não vem para proferir um julgamento que condena, mas para oferecer a todos a sua misericórdia que purifica, cura, transforma e nos torna parte da única família de Deus. O seu carácter compassivo e misericordioso torna-o “advogado” em defesa dos pobres e dos pecadores,

certamente não para favorecer o mal, mas para os libertar da opressão e da escravidão, tornando-os filhos de Deus e irmãos entre si. Não por acaso os gestos realizados por Jesus não se limitam à cura física ou espiritual da pessoa, mas abarcam também uma importante dimensão social e política: a pessoa curada é reintegrada, em toda a sua dignidade, na comunidade humana e religiosa da qual havia sido excluída, muitas vezes, precisamente por causa da sua condição de doença ou pecado.

Esta comunhão é o sinal por excelência da Igreja, chamada a ser no mundo o reflexo do amor de Deus, que não faz distinção de pessoas (cf. *At* 10, 34). Neste sentido, gostaria de dizer que a vossa Igreja, aqui no Principado do Mónaco, possui uma grande riqueza: ser um lugar, uma realidade onde todos encontram acolhimento e hospitalidade, naquela combinação social e cultural que constitui uma vossa característica típica. Na verdade, o Principado do Mónaco é um pequeno Estado habitado, mas de forma diversificada por monegascos, franceses, italianos e pessoas de muitas outras nacionalidades. Um pequeno Estado cosmopolita, no qual à variedade de origens se associam também outras diferenças de natureza socioeconómica. Na Igreja, tal pluralidade não se torna nunca motivo de divisão em classes sociais, mas, pelo contrário, todos são acolhidos enquanto pessoas e filhos de Deus, e todos são destinatários de um dom de graça que encoraja a comunhão, a fraternidade e o amor mútuo. Este é o dom que provém de Cristo, nosso advogado junto do Pai. Com efeito, todos fomos batizados n'Ele e, por isso, afirma São Paulo: «Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre; não há homem e mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus» (*Gal* 3, 28).

Há, porém, um segundo aspecto que me parece necessário sublinhar: o anúncio do Evangelho em defesa do homem. Desejando que todos acolham a boa nova do amor do Pai, Jesus assume o papel de “advogado”, sobretudo em defesa daqueles que eram considerados abandonados por Deus e que são tidos como esquecidos e marginalizados, tornando-se a voz e o rosto do Deus misericordioso que «defende, com justiça, o direito de todos os oprimidos» (*Sl* 103, 6).

Assim sendo, penso numa Igreja chamada a tornar-se “advogada”, ou seja, a defender o homem: o homem integral e todo o ser humano. Trata-se

de um caminho de discernimento crítico e profético, destinado a promover «um “desenvolvimento integral” da humanidade, que respeite a sua dignidade e identidade autêntica, bem como o seu fim último, que remete para um mistério de plena comunhão com a Trindade Divina e entre nós» (Comissão Teológica Internacional, *Quo vadis, humanitas?*, 22).

Este é o primeiro serviço que o anúncio do Evangelho deve realizar: iluminar a pessoa humana e a sociedade para que, à luz de Cristo e da sua Palavra, descubram a própria identidade, o sentido da vida humana, o valor das relações e da solidariedade social, o fim último da existência e o destino da história.

A este respeito, desejo incentivar-vos a servir a evangelização de modo apaixonado e generoso. Anunciai o Evangelho da vida, da esperança e do amor; levai a todos a luz do Evangelho, para que a vida de cada homem e mulher seja defendida e promovida desde a sua concepção até ao seu fim natural; ofereci novos mapas de orientação capazes de conter aquelas investidas do secularismo que ameaçam reduzir o homem ao individualismo e fundar a vida social na produção de riqueza.

É importante que o anúncio do Evangelho e as formas de expressão da fé, tão enraizadas na vossa identidade e sociedade, estejam atentas ao risco de se reduzirem a um hábito, ainda que positivo. Uma fé viva é sempre profética, capaz de suscitar perguntas e gerar provocações: estamos realmente a defender o ser humano? Estamos a proteger a dignidade da pessoa na salvaguarda da vida em todas as suas fases? Será que o modelo económico e social vigente é realmente justo e caracterizado pela solidariedade? Estará ele impregnado da ética da responsabilidade, que nos ajuda a ir além da «lógica da troca de equivalentes e do lucro como fim em si mesmo» (Bento XVI, Carta enc. *Caritas in veritate*, 38), para construir uma sociedade mais equitativa?

Caríssimos, manter o olhar fixo em Jesus Cristo, nosso advogado junto do Pai, gera uma fé enraizada na relação pessoal com Ele, uma fé que se torna testemunho, capaz de transformar a vida e renovar a sociedade. Esta fé precisa de ser anunciada com instrumentos e linguagens novos, inclusive digitais, e todos devem ser introduzidos e formados nela de modo contínuo e criativo. Isto vale, em particular, para aqueles que se estão a abrir ao

encontro com Deus, aos catecúmenos e aos que retomam a sua caminhada de fé, aos quais recomendo que dediqueis uma atenção especial.

Que a vossa Santa Padroeira, a virgem e mártir Devota, vos inspire com o seu exemplo, e que Maria Santíssima, Virgem Imaculada, interceda por vós e vos guie sempre ao longo do caminho.

VIAGEM APOSTÓLICA DE SUA SANTIDADE PAPA LEÃO XIV AO PRINCIPADO DO MÓNACO

Estádio Louis II

Sábado, 28 de março de 2026

Queridos irmãos e irmãs!

O Evangelho que acabámos de ouvir (cf. *Jo* 11, 45-57) relata uma sentença cruel contra Jesus: fala-nos, com efeito, do dia em que os membros do Sinédrio «resolveram dar-lhe a morte» (v. 53). Por que lhe acontece isto? Porque ressuscitou Lázaro dos mortos; porque devolveu a vida ao seu amigo, chorando junto do seu túmulo e unindo-se à dor de Marta e Maria. Justamente Ele, que veio ao mundo para nos libertar da condenação da morte, é condenado à morte. Não se trata de uma fatalidade, mas de uma vontade precisa e ponderada.

Na verdade, o veredicto de Caifás e do Sinédrio é fruto de um cálculo político, fundamentado no medo: se Jesus continua a fomentar esperança, transformando a dor do povo em alegria, «virão os romanos» e devastarão o país (cf. v. 48). Em vez de reconhecerem no Nazareno o Messias, ou seja, o Cristo tão esperado, os chefes religiosos veem n'Ele uma ameaça. O olhar deles está a tal ponto enviesado, que são exatamente os doutores da Lei a violar esta. Esquecendo a promessa de Deus ao seu povo, querem matar o inocente, porque por trás do seu temor está o apego ao poder. No entanto, se os homens esquecem a Lei que ordena não matar, Deus não esquece a promessa que prepara o mundo para a salvação. A sua providência faz daquela sentença homicida o meio para manifestar um supremo desígnio de amor: por mais perverso que fosse, Caifás «profetizou que Jesus devia morrer pela nação» (v. 51).

Desse modo, observamos dois movimentos contrários: por um lado, a revelação de Deus, que mostra o seu rosto como Senhor todo-poderoso e salvador; por outro, a ação oculta de autoridades poderosas, prontas a matar sem escrúpulos. E não é o que acontece hoje? O ponto de encontro entre

ambos é o sinal de Jesus: dar a vida. É um sinal que encontra a sua antecipação no ressuscitado Lázaro, a profecia mais próxima do que acontecerá a Cristo na sua paixão, morte e ressurreição. Naquela Páscoa, o Filho levará a cabo a obra do Pai, com o poder do Espírito Santo: assim como, no início dos tempos, Deus deu vida ao ser a partir do nada, na plenitude dos tempos, resgata toda a vida da morte, que arruína a sua criação.

Desta redenção provêm a alegria da fé e a força do nosso testemunho, em todos os tempos e lugares. Efetivamente, na história de Jesus é resumida a nossa história, a começar pelos pequenos e oprimidos: ainda hoje, quantos planos são traçados no mundo para matar inocentes; quantas falsas razões se invocam para os eliminar! Perante a insistência do mal, porém, está a eterna justiça de Deus, que sempre nos resgata dos nossos túmulos, como aconteceu com Lázaro, e nos concede uma nova vida. O Senhor liberta da dor infundindo esperança, converte a dureza de coração transformando o poder em serviço, precisamente ao manifestar o verdadeiro nome da sua onipotência: misericórdia. É a misericórdia que salva o mundo: cuida de cada existência humana, do momento em que brota no seio materno até ao momento do seu definhamento, bem como em qualquer sua fragilidade. Como nos ensinou o Papa Francisco, a cultura da misericórdia rejeita a cultura do descarte.

A voz dos profetas, que acabámos de ouvir, atesta como Deus realiza o seu desígnio de salvação. Na primeira leitura, Ezequiel anuncia que a obra divina começa como libertação (*Ez 37, 23*) e se realiza como santificação do povo (cf. v. 28): um itinerário de conversão, tal como aquele que estamos a viver na Quaresma. Trata-se de uma iniciativa envolvente, não privada nem individual, que transforma as nossas relações com Deus e com o próximo.

Em primeiro lugar, a libertação assume a forma de uma purificação dos «ídolos» (v. 23). O que são eles? Com este termo, o profeta refere-se a tudo aquilo que escraviza o coração, que o compra e corrompe. A palavra ídolo significa “ideia pequena”, ou seja, uma visão reduzida, que diminui não só a glória do Todo-Poderoso, transformando-o num objeto, mas também a mente do homem. Os ídólatras são, portanto, pessoas de visão limitada:

olham para aquilo que fascina os seus olhos, obscurecendo-os. E assim, justamente as coisas grandes e boas desta terra tornam-se ídolos, transformando-se em formas de escravidão não para quem delas carece, mas para aqueles que as têm em abundância, deixando o próximo na miséria e na desolação. Assim, a libertação dos ídolos é a libertação de um poder que se tornou domínio, da riqueza que se degenera em cobiça, da beleza maquilhada de vaidade.

Deus não nos abandona nestas tentações, mas socorre o homem fraco e triste, que acredita que são os ídolos do mundo a salvar-lhe a vida. Como ensina Santo Agostinho, «o homem liberta-se do domínio deles quando acredita naquele que, para o reerguer, ofereceu um exemplo de humildade» (*De civitate Dei*, VII, 33). Este exemplo é a própria vida de Jesus, Deus feito homem para a nossa salvação. Em vez de nos castigar, Ele destrói o mal com o seu amor, cumprindo uma promessa solene: «e os purificarei» e eles «serão o meu povo e Eu serei o seu Deus» (*Ez 37, 23*). O Senhor muda a história do mundo, chamando-nos da idolatria para a verdadeira fé, da morte para a vida.

Por isso, queridos irmãos e irmãs, face às muitas injustiças que ferem os povos e à guerra que dilacera as nações, ergue-se constantemente a voz do profeta Jeremias, proclamada hoje como salmo: «Converterei o seu pranto em exultação, hei de consolá-los, e aliviá-los das suas penas» (*Jr 31, 13*). A purificação da idolatria, que converte os homens escravos uns dos outros, realiza-se como santificação, dom da graça que faz dos homens filhos de Deus, irmãos e irmãs entre si. Este dom ilumina o nosso presente, pois as guerras que o ensanguentam são fruto da idolatria do poder e do dinheiro. Cada vida ceifada é uma ferida no corpo de Cristo. Não nos habituemos ao rumor das armas e às imagens da guerra! A paz não é um mero equilíbrio de forças, mas uma obra de corações purificados, de quem vê no outro um irmão a proteger, não um inimigo a abater.

A Igreja no Mónaco é chamada a dar testemunho, vivendo na paz e na bênção de Deus: por isso, caríssimos, fazei felizes muitas pessoas com a vossa fé, manifestando a autêntica alegria, que não se conquista com apostas, mas se partilha com a caridade. A fonte desta alegria é o amor de Deus: amor pela vida nascente e necessitada, que deve sempre ser acolhida

e cuidada; amor pela vida jovem e idosa, a encorajar nas provações de todas as idades; amor pela vida saudável e por aquela doente que, por vezes solitária, carece sempre de ser acompanhada com atenção. Que a Virgem Maria, vossa Padroeira, vos ajude a ser lugar de acolhimento, de dignidade para os pequenos e os pobres, de desenvolvimento integral e inclusivo.

Na longa Quaresma do mundo, precisamente enquanto o mal se alastra e a idolatria torna os corações indiferentes, o Senhor prepara a sua Páscoa. O sinal deste acontecimento é o homem: é Lázaro, chamado do sepulcro; somos nós, pecadores perdoados; é o Crucificado Ressuscitado, autor da salvação. Ele é «o Caminho, a Verdade e a Vida» (*Jo 14, 6*), que sustenta a nossa peregrinação e a missão da Igreja no mundo: transmitir a vida de Deus. Tarefa sublime e impossível se não doarmos a nossa vida ao próximo. Tarefa apaixonante e fecunda, quando o Evangelho ilumina os nossos passos.

DOMINGO DE RAMOS: PAIXÃO DO SENHOR –
COMEMORAÇÃO DA ENTRADA DO SENHOR EM JERUSALÉM E
SANTA MISSA

Praça de São Pedro

Domingo, 29 de marzo de 2026

Queridos irmãos e irmãs!

Enquanto Jesus percorre o caminho da cruz, coloquemo-nos atrás d'Ele, sigamos os seus passos. E, caminhando com Ele, contemplemos a sua paixão pela humanidade, o seu coração que se parte, a sua vida que se torna dom de amor.

Olhemos para Jesus, que se apresenta como Rei da paz, enquanto à sua volta se prepara a guerra. Ele, que permanece firme na mansidão, enquanto os outros se agitam na violência. Ele, que se oferece como uma carícia para a humanidade, enquanto outros empunham espadas e paus. Ele, que é a luz do mundo, enquanto as trevas estão prestes a cobrir a terra. Ele, que veio trazer a vida, enquanto se cumpre o plano para o condenar à morte.

Como *Rei da Paz*, Jesus quer reconciliar o mundo no abraço do Pai e derrubar todos os muros que nos separam de Deus e do próximo, porque «Ele é a nossa paz» (Ef 2, 14).

Como *Rei da paz*, entra em Jerusalém montado num jumento, não num cavalo, cumprindo a antiga profecia que convidava a exultar pela chegada do Messias: «Eis que o teu rei vem a ti; / Ele é justo e vitorioso; / vem, humilde, montado num jumento, / sobre um jumentinho, filho de uma jumenta. / Ele exterminará os carros de guerra da terra de Efraim / e os cavalos de Jerusalém; / o arco de guerra será quebrado. / Proclamará a paz para as nações» (Zc 9, 9-10).

Como Rei da paz, quando um dos seus discípulos desembainha a espada para o defender e fere o servo do sumo sacerdote, imediatamente Ele o

detém, dizendo: «Mete a tua espada na bainha, pois todos quantos se servirem da espada morrerão à espada» (Mt 26, 52).

Como *Rei da paz*, enquanto era carregado com os nossos sofrimentos e traspassado pelas nossas culpas, Ele «não abriu a boca, como um cordeiro que é levado ao matadouro, ou como uma ovelha emudecida nas mãos do tosquiador» (Is 53, 7). Não se armou, nem se defendeu, nem travou nenhuma guerra. Manifestou o rosto manso de Deus, que sempre rejeita a violência, e, em vez de se salvar a si mesmo, deixou-se cravar na cruz, para abraçar todas as cruces erguidas em cada tempo e lugar da história da humanidade.

Irmãos, irmãs, este é o nosso Deus: Jesus, *Rei da paz*. Um Deus que rejeita a guerra; que ninguém pode usar para justificar a guerra; que não escuta mas rejeita a oração de quem faz a guerra, dizendo: «Podeis multiplicar as vossas preces, que Eu não as atendo. É que as vossas mãos estão cheias de sangue» (Is 1, 15).

Olhando para Ele, que foi crucificado por nós, vemos os crucificados da humanidade. Nas suas chagas vemos as feridas de tantas mulheres e homens de hoje. No seu último grito dirigido ao Pai ouvimos o choro de quem se encontra abatido, sem esperança, doente, sozinho. E, sobretudo, ouvimos o gemido de dor de todos aqueles que são oprimidos pela violência e de todas as vítimas da guerra.

Da sua cruz, Cristo, *Rei da paz*, ainda clama: Deus é amor! Tende piedade! Deponde as armas, lembrai-vos de que sois irmãos!

Com as palavras do Servo de Deus, o bispo Tonino Bello, gostaria de confiar este clamor à Maria Santíssima, que está ao pé da cruz do Filho e chora também aos pés dos crucificados de hoje:

«Santa Maria, mulher do terceiro dia, dá-nos a certeza de que, apesar de tudo, a morte já não terá mais poder sobre nós. Que os dias das injustiças dos povos estão contados. Que os clarões das guerras se estão a reduzir a luzes crepusculares. Que os sofrimentos dos pobres chegaram aos seus últimos suspiros. [...] E que, finalmente, as lágrimas de todas as vítimas da

violência e da dor em breve secarão, como a geada ao sol da primavera»
(Maria, mulher de nossos dias).

MISSA CRISMAL

Basílica de São Pedro

Quinta-feira Santa, 2 de abril de 2026

Queridos irmãos e irmãs!

Estamos já às portas do Tríduo Pascal. O Senhor conduzir-nos-á, mais uma vez, ao ápice da sua missão, para que a sua paixão, morte e ressurreição se tornem o centro da nossa missão. Efetivamente, o que estamos prestes a reviver tem em si a força de transformar aquilo que o orgulho humano tende geralmente a endurecer: a nossa identidade, o nosso lugar no mundo. A liberdade de Jesus muda o coração, cura as feridas, perfuma e faz brilhar os nossos rostos, reconcilia e reúne, perdoa e ressuscita.

Neste primeiro ano em que presido à Missa Crismal como Bispo de Roma, desejo refletir convosco sobre a missão à qual Deus nos consagra como seu povo. É a missão cristã, a mesma de Jesus, e não outra. Cada um participa nela de acordo com a sua vocação e com uma obediência muito pessoal à voz do Espírito, mas nunca sem os outros, nunca negligenciando ou rompendo a comunhão! Bispos e presbíteros, ao renovarmos as nossas promessas, estamos ao serviço de um povo missionário. Somos, com todos os batizados, o Corpo de Cristo, ungidos pelo seu Espírito de liberdade e consolação, Espírito de profecia e unidade.

O que Jesus vive nos momentos culminantes da sua missão é antecipado pelo oráculo de Isaías, por Ele referido na sinagoga de Nazaré como a Palavra que «hoje» se cumpre (cf. *Lc* 4, 21). Com efeito, na hora da Páscoa, torna-se definitivamente claro que Deus consagra para enviar: «Enviou-me» (*Lc* 4, 18), diz Jesus, descrevendo aquele movimento que une o seu Corpo aos pobres, aos prisioneiros, àqueles que caminham às cegas na escuridão e àqueles que se encontram oprimidos. E nós, membros do seu Corpo, chamamos “apostólica” a uma Igreja que foi enviada, impulsionada para além de si mesma, consagrada a Deus no serviço das suas criaturas: «A paz

seja convosco! Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós» (*Jo* 20, 21).

Sabemos que ser enviado implica, em primeiro lugar, um desapego, ou seja, o risco de deixar o que é seguro e familiar para se aventurar no novo. É interessante que Jesus, «impelido pelo Espírito» (*Lc* 4, 14) que desceu sobre Ele após o batismo no Jordão, regresse à Galileia e vá «a Nazaré, onde tinha sido criado» (*Lc* 4, 16). É o lugar que agora deve deixar. Ele move-se «segundo o seu costume» (v. 16), mas para inaugurar um tempo novo. Terá agora de partir definitivamente daquela aldeia, para que amadureça o que ali germinou, sábado após sábado, na escuta fiel da Palavra de Deus. Da mesma forma, chamará outros a partir, a arriscar, para que nenhum lugar se torne um recinto; nenhuma identidade, um esconderijo.

Caríssimos, seguimos Jesus, que «não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a si mesmo» (*Fl* 2, 6-7): toda missão começa por esse tipo de esvaziamento, no qual tudo renasce. A nossa dignidade de filhos e filhas de Deus não nos pode ser tirada, nem se perder, e nem mesmo os afetos, os lugares e as experiências que estão na origem da nossa vida podem ser apagados. Somos herdeiros de tanto bem e, simultaneamente, das limitações de uma história na qual o Evangelho deve ser portador de luz e salvação, perdão e cura. Assim, não há missão sem reconciliação com as nossas origens, com os dons e as limitações da formação recebida; mas, ao mesmo tempo, não há paz sem partidas, não há consciência sem desapego, não há alegria sem correr riscos. Somos Corpo de Cristo se seguirmos em frente, acertando as contas com o passado sem ficarmos prisioneiros dele: tudo se reencontra e se multiplica se antes se deixar ir, sem medo. É um primeiro segredo da missão. É algo que não se experimenta uma vez só, mas em cada recomeço, em cada novo envio.

O caminho de Jesus revela-nos que a disponibilidade para perder, para se esvaziar, não é um fim em si mesma, mas condição para o encontro e para a intimidade. O amor só é verdadeiro se estiver desarmado – desprovido de muitos empecilhos e sem nenhuma ostentação –, se guarda delicadamente a fraqueza e a nudez. Temos dificuldade em lançar-nos numa missão tão exposta e, no entanto, não há «Boa-nova aos pobres» (*Lc* 4, 18)

se formos ao seu encontro com sinais de poder, nem há libertação autêntica se não nos libertarmos do possuir. Tocamos aqui um segundo segredo da missão cristã. Depois da lei do desapego, vem a lei do encontro. Sabemos que, ao longo da história, a missão foi não poucas vezes pervertida por lógicas de domínio, totalmente estranhas ao caminho de Jesus Cristo. São João Paulo II teve a lucidez e a coragem de reconhecer que «por causa daquele vínculo que nos une uns aos outros dentro do Corpo místico, todos nós, embora não tendo responsabilidade pessoal por isso e sem nos substituímos ao juízo de Deus – o único que conhece os corações –, carregamos o peso dos erros e culpas de quem nos precedeu». [1]

Consequentemente, é portanto prioritário recordar que o bem não pode advir da prevaricação, nem no âmbito pastoral, nem no âmbito sócio-político. Os grandes missionários são testemunhas de aproximações feitas com delicadeza, cujo método consiste na partilha da vida, no serviço desinteressado, na renúncia a qualquer estratégia calculista, no diálogo, no respeito. É o caminho da encarnação, que assume sempre de novo a forma da inculturação. A salvação, realmente, só pode ser acolhida por cada um na sua língua própria materna: «Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna?» (Act 2, 8). A surpresa de Pentecostes repete-se quando não pretendemos dominar os tempos de Deus, mas confiamos no Espírito Santo, que «como no tempo de Jesus e dos Apóstolos, está presente também hoje: está presente e está a agir, chega antes de nós, trabalha mais e melhor do que nós; não nos cabe nem semeá-lo nem despertá-lo, mas, antes de mais, reconhecê-lo, acolhê-lo, cooperar com ele, abrir-lhe caminho, seguir-lhe os passos. Ele está presente e nunca desanimou em relação ao nosso tempo; pelo contrário, sorri, dança, penetra, investe, envolve, chega mesmo onde nunca teríamos imaginado». [2]

Para estabelecer esta sintonia com o invisível, é necessário chegar ao lugar para onde somos enviados com simplicidade, honrando o mistério que cada pessoa e comunidade traz consigo. Somos hóspedes: somo-lo enquanto bispos, sacerdotes, religiosas e religiosos, enquanto cristãos. Na verdade, para acolher temos de aprender a deixar-nos acolher. Mesmo os lugares onde a secularização parece estar mais avançada não são terra de conquista ou reconquista: «Novas culturas continuam a nascer nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou

gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. [...] É necessário chegar onde se formam as novas narrativas e paradigmas, alcançar com a Palavra de Jesus os núcleos mais profundos da alma das cidades». [3] Isto só acontece se, na Igreja, caminhamos juntos, se a missão não for uma aventura heroica de alguém, mas o testemunho vivo de um Corpo com muitos membros.

Existe ainda uma terceira dimensão – talvez a mais radical – da missão cristã. A dramática possibilidade de incompreensão e de rejeição que se manifesta já na reação violenta dos habitantes de Nazaré à palavra de Jesus: «Ao ouvirem estas palavras, todos, na sinagoga, se encheram de furor. E, erguendo-se, lançaram-no fora da cidade e levaram-no ao cimo do monte sobre o qual a cidade estava edificada, a fim de o precipitarem dali abaixo» (Lc 4, 28-29). Embora a leitura litúrgica tenha omitido esta parte, o que nos preparamos para celebrar a partir desta noite compromete-nos a não fugir, mas a “passar pelo meio” da provação, como Jesus, que, passando pelo meio deles, seguiu o seu caminho (cf. Lc 4, 30). A cruz é parte da missão: o envio torna-se mais amargo e assustador, mas também mais gratuito e perturbador. A ocupação imperialista do mundo é então interrompida a partir de dentro, a violência que até hoje se faz lei é desmascarada. O Messias pobre, prisioneiro, rejeitado, precipita-se na escuridão da morte, mas assim traz à luz uma nova criação.

Quantas ressurreições nos são dadas experimentar quando, livres de uma atitude defensiva, descemos ao serviço como a semente à terra! Na vida, podemos passar por situações em que tudo parece ter chegado ao fim. Perguntamo-nos, então, se a missão terá sido inútil. É verdade: ao contrário de Jesus, vivemos também fracassos que dependem da nossa insuficiência ou da dos outros, muitas vezes de um emaranhado de responsabilidades, luzes e sombras. Mas podemos fazer nossa a esperança de muitos testemunhos. Recordo-me de um, que me é particularmente querido. Um mês antes da sua morte, no caderno dos Exercícios Espirituais, o santo Bispo Óscar Romero anotava assim: «O núncio da Costa Rica alertou-me para um perigo iminente precisamente nesta semana... As circunstâncias imprevistas serão enfrentadas com a graça de Deus. Jesus Cristo ajudou os

mártires e, se for necessário, sentirei a sua presença muito próxima quando lhe entregar o meu último suspiro. Todavia, mais do que o último instante de vida, o que conta é entregar-lhe toda a vida e viver para Ele... Basta-me, para ser feliz e confiante, saber com certeza que n'Ele está a minha vida e a minha morte; que, apesar dos meus pecados, n'Ele depositei a minha confiança e não ficarei decepcionado, e outros prosseguirão, com mais sabedoria e santidade, o trabalho pela Igreja e pela pátria».

Queridos irmãos e irmãs, os santos escrevem a história. Esta é a mensagem do Apocalipse: «Graça e paz [...] da parte de Jesus Cristo, a Testemunha fiel, o Primeiro vencedor da morte e o Soberano dos reis da terra» (Ap 1, 4-5). Esta saudação resume o caminho de Jesus num mundo dividido entre potências que o devastam. No seu seio surge um povo novo, não de vítimas, mas de testemunhas. Nesta hora sombria da história, foi do agrado de Deus enviar-nos para difundir o perfume de Cristo onde reina o odor da morte. Renovemos o nosso “sim” a esta missão que nos exige unidade e que traz a paz. Sim, aqui estamos! Superemos o sentimento de impotência e de medo! Anunciamos a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!

[1] São João Paulo II, Bula de proclamação do Grande Jubileu do ano 2000 “Incarnationis mysterium” (29 de novembro de 1998), 11.

[2] M. Martini, *Tre racconti dello Spirito*, Milano 1997, 11.

[3] Francisco, Exort. Ap. *Evangelii gaudium* (24 de novembro de 2013), 73-74.

VIGÍLIA PASCAL NA NOITE SANTA

Basílica de São João de Latrão

Quinta-feira Santa, 2 de abril de 2026

Queridos irmãos e irmãs!

A solene liturgia desta tarde introduz-nos no Santo Tríduo da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Atravessamos este limiar não como meros espectadores, nem por inércia, mas comprometidos de forma especial pelo próprio Jesus, como convidados para a Ceia em que o pão e o vinho se tornam para nós Sacramento de salvação. Participamos, assim, num banquete durante o qual Cristo, «que amara os seus que estavam no mundo, levou o seu amor por eles até ao extremo» (*Jo 13, 1*): o seu amor torna-se gesto e alimento para todos, revelando a justiça de Deus. No mundo, ali mesmo onde o mal impera, Jesus ama definitivamente, para sempre, com todo o seu ser.

Durante esta Última Ceia, Ele lava os pés aos seus apóstolos, dizendo: «Dei-vos exemplo para que, assim como Eu fiz, vós façais também» (*Jo 13, 15*). O gesto do Senhor é parte integrante da refeição para a qual nos convidou. É um *exemplo do sacramento*: ao mesmo tempo que confirma o seu sentido, confia-nos uma tarefa que queremos tomar como alimento para a nossa vida. Para descrever o evento em que esteve presente, o evangelista João escolhe a palavra grega *upódeigma*, que significa “aquilo que é mostrado mesmo diante dos olhos”. O que o Senhor nos faz ver, pegando na água, na bacia e na toalha, é muito mais do que um modelo moral. Com efeito, Ele transmite-nos a sua própria forma de vida: lavar os pés é um gesto que sintetiza a revelação de Deus, sinal exemplar do Verbo feito carne, a sua memória inconfundível. Ao assumir a condição de servo, o Filho revela a glória do Pai, derrubando os critérios mundanos que mancham a nossa consciência.

Com a surpresa silenciosa dos seus discípulos, até mesmo o orgulho humano nos faz abrir os olhos para o que está a acontecer: tal como Pedro,

que inicialmente resiste à iniciativa de Jesus, também nós devemos «aprender sempre de novo que a grandeza de Deus é diversa da nossa ideia de grandeza, [...] porque sistematicamente desejamos um Deus do sucesso e não da Paixão» (*Homilia da Missa in coena Domini*, 20 de março de 2008). Estas palavras do Papa Bento XVI admitem com lucidez que somos sempre tentados a procurar um Deus que “nos sirva” e nos faça vencer, que seja prestativo como o dinheiro e o poder. Não compreendemos, porém, que Deus nos serve de verdade, sim, mas com o gesto gratuito e humilde de lavar os pés: eis a onipotência de Deus. Assim se cumpre a vontade de dedicar a vida a quem, sem este dom, não pode existir. Por causa do seu amor, o Senhor ajoelha-se para lavar o homem. E o dom divino transforma-nos.

Com o seu gesto, Jesus purifica a nossa imagem de Deus das idolatrias e blasfêmias que a mancharam, mas purifica também a nossa imagem do homem, que se considera poderoso quando domina, que quer vencer matando quem lhe é igual, que se considera grande quando é temido. Verdadeiro Deus e verdadeiro homem, Cristo dá-nos, pelo contrário, um exemplo de dedicação, serviço e amor. Precisamos do seu exemplo para aprender a amar, não porque sejamos incapazes disso, mas precisamente para nos educarmos a nós próprios, e uns aos outros, no amor verdadeiro. Aprender a agir como Jesus, Sinal que Deus imprime na história do mundo, é tarefa para a vida inteira.

Ele é o critério autêntico, «o Senhor e o Mestre» (*Jo* 13, 13) que remove todas as máscaras do divino e do humano. O seu exemplo não é dado quando todos estão felizes e o amam, mas na noite em que foi traído, na escuridão da incompreensão e da violência, para que fique bem claro que o Senhor não nos ama porque somos bons e puros: Ele ama-nos e, por isso, nos perdoa e purifica. O Senhor não nos ama se nos deixarmos lavar pela sua misericórdia: Ele ama-nos e, por isso, nos lava, de modo que possamos corresponder ao seu amor.

Aprendamos de Jesus este serviço recíproco. Ele não nos pede, efetivamente, que lho retribuamos, mas que o partilhemos entre nós: «Deveis lavar os pés uns aos outros» (*Jo* 13, 14). O Papa Francisco comentava assim: isto «é um dever que me vem do coração: amo-o. Amo-o

e amo fazê-lo porque o Senhor assim me ensinou» (*Homilia da Missa in coena Domini*, 28 de março de 2013). Não falava de um imperativo abstrato, de uma ordem formal e vazia, mas expressava o seu fervor obediente pela caridade de Cristo, fonte e exemplo da nossa caridade. O exemplo dado por Jesus não pode, pois, ser imitado por conveniência, de má vontade ou com hipocrisia, mas apenas por amor.

Portanto, deixar-nos servir pelo Senhor é condição para servir como Ele serviu. «Se Eu não te lavar», disse Jesus a Pedro, «nada terás a haver comigo» (*Jo* 13, 8): se não me acolheres como servo, não podes acreditar em mim e seguir-me como Senhor. Ao lavar a nossa carne, Jesus purifica a nossa alma. N'Ele, Deus deu o exemplo não de como se domina, mas de como se liberta; de como se doa a vida e não de como se a destrói.

Face a uma humanidade de joelhos devido a muitos exemplos de brutalidade, ajoelhemo-nos também nós, como irmãos e irmãs dos oprimidos. É assim que queremos seguir o exemplo do Senhor, concretizando o que ouvimos no livro do Êxodo: «Aquele dia será para vós um memorial» (*Ex* 12, 14). Sim, toda a história bíblica converge para Jesus, o verdadeiro Cordeiro pascal. Graças a Ele, as figuras antigas encontram o seu pleno significado, pois o Cristo Salvador celebra a Páscoa da humanidade, abrindo para todos a passagem do pecado ao perdão, da morte à vida eterna: «Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em memória de mim» (*1 Cor* 11, 24).

Ao renovarmos, precisamente nesta tarde, os gestos e as palavras do Senhor, fazemos memória da instituição da Eucaristia e da Sagrada Ordem. O vínculo intrínseco entre os dois Sacramentos representa a entrega perfeita de Jesus, Sumo Sacerdote e Eucaristia viva por toda a eternidade: no pão e no vinho consagrados está, realmente, o «Sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura» (Const. dogm. *Sacrosanctum Concilium*, 47). Nos bispos e nos presbíteros, constituídos «sacerdotes da Nova Aliança» segundo o mandamento do Senhor (Concílio de Trento, De Missae Sacrificio, 1), está o sinal da sua caridade para com todo o Povo de Deus, a quem nós, amados irmãos, somos chamados a servir com todo o nosso ser

A Quinta-feira Santa é, portanto, um dia de fervorosa gratidão e de autêntica fraternidade. Que a adoração eucarística desta noite, em todas as paróquias e comunidades, seja um momento para contemplar o gesto de Jesus, ajoelhando-nos como Ele fez e pedindo-Lhe a força para, com o mesmo amor, O imitarmos no serviço.

VIGÍLIA PASCAL NA NOITE SANTA

Basílica de São Pedro

Sábado Santo, 4 de abril de 2026

«Esta noite santa [...] derruba os poderosos, dissipa os ódios, estabelece a concórdia e a paz» (*Precónio Pascal*).

Assim, queridos irmãos e irmãs, no início desta celebração, o diácono exaltou a luz de Cristo Ressuscitado, simbolizada no Círio Pascal. A partir deste único Círio, todos acendemos as nossas velas e, cada um levando uma pequena chama tirada do mesmo fogo, iluminámos esta grande basílica. É o sinal da luz pascal, que nos une na Igreja como lâmpadas para o mundo. À proclamação do diácono respondemos “amém”, afirmando o nosso compromisso de abraçar esta missão, e dentro de pouco repetiremos o nosso “sim”, renovando as Promessas Batismais.

Caríssimos, esta é uma Vigília repleta de luz, a mais antiga da tradição cristã, conhecida como «a mãe de todas as vigílias». Nela revivemos o memorial da vitória do Senhor da vida sobre a morte e sobre os infernos. Fazemo-lo depois de ter percorrido, nos últimos dias, como numa única grande celebração, os mistérios da Paixão do Deus que por nós se fez «alguém cheio de dores» (*Is 53, 3*), «menosprezado e desconsiderado» (*ibid.*), torturado e crucificado.

Existe caridade maior? Existe gratuidade mais completa? O Ressuscitado é o próprio Criador do universo que, tal como nos primórdios da história nos deu a existência a partir do nada, assim também na cruz, para nos mostrar o seu amor sem limites, nos deu a vida.

Recordou-no-lo a primeira leitura, com o relato das origens. No princípio, Deus criou os céus e a terra (cf. *Gn 1, 1*), tirando do caos o cosmos, da desordem a harmonia, e confiando a todos nós, criados à sua imagem e semelhança, a tarefa de sermos seus guardiões. E mesmo quando, com o pecado, o homem não correspondeu a este projeto, o Senhor não o

abandonou, mas revelou-lhe, de forma ainda mais surpreendente, no perdão, o seu rosto misericordioso.

«Esta noite santa» tem, portanto, as suas raízes também ali onde se consumou o primeiro fracasso da humanidade, e estende-se ao longo dos séculos como um caminho de reconciliação e de graça.

A liturgia propôs-nos algumas etapas desse caminho através dos textos sagrados que acabámos de escutar. Recordou-nos como Deus segurou a mão de Abraão, prestes a sacrificar o seu filho Isaac, para nos indicar que não deseja a nossa morte, mas antes que nos consagremos a ser, nas suas mãos, membros vivos de uma descendência de gente salva (cf. Gn 22, 11-12.15-18). Da mesma forma, convidou-nos a refletir sobre como o Senhor libertou os israelitas da escravidão do Egito, fazendo do mar – lugar de morte e obstáculo intransponível – a porta de entrada para o início de uma vida nova e livre. A mesma mensagem ressoou como um eco nas palavras dos Profetas, nas quais ouvimos os louvores do Senhor como esposo que chama e une a si (cf. *Is* 54, 5-7), fonte que mata a sede, água que fecunda (cf. *Is* 55, 1.10), luz que mostra o caminho da paz (cf. *Br* 3, 14), Espírito que transforma e renova os corações (*Ez* 36, 26).

Em todos estes momentos da história da salvação, vimos como Deus, face à dureza do pecado que divide e mata, responde com o poder do amor que une e restitui a vida. Recordámo-los juntos, intercalando a narrativa com salmos e orações, para lembrarmos que, pela Páscoa de Cristo, «sepultados com Ele na morte [...] também nós caminhamos numa vida nova [...] mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus» (*Rm* 6, 4-11), consagrados no Batismo ao amor do Pai, unidos na comunhão dos santos, tornados, pela graça, pedras vivas para a construção do seu Reino (cf. *1Pd* 2, 4-5)

É nesta perspetiva que lemos o relato da Ressurreição, que acabámos de ouvir no Evangelho segundo São Mateus. Na manhã de Páscoa, as mulheres, vencendo a dor e o medo, puseram-se a caminho. Queriam ir ao túmulo de Jesus! Esperavam encontrá-lo selado, com uma grande pedra à entrada e soldados a guardá-lo. Isto é o pecado: uma barreira pesadíssima que nos fecha e nos separa de Deus, tentando fazer morrer em nós as Suas Palavras de esperança. Maria Madalena e a outra Maria, porém, não se

deixaram intimidar. Foram ao sepulcro e, graças à sua fé e ao seu amor, foram as primeiras testemunhas da Ressurreição. No terramoto e no anjo, sentado sobre a pedra derrubada, viram o poder do amor de Deus, mais forte do que qualquer força do mal, capaz de “dissipar os ódios” e “derrubar os poderosos”. O homem pode matar o corpo, mas a vida do Deus do amor é vida eterna, que vai além da morte e que nenhum túmulo pode aprisionar. Assim, o Crucificado reinou a partir da cruz, o anjo sentou-se sobre a pedra e Jesus apresentou-se diante delas vivo, dizendo: «Salve!» (Mt 28, 9).

Hoje, caríssimos, é esta também a nossa mensagem ao mundo, o encontro que queremos testemunhar, com as palavras da fé e com as obras da caridade, cantando com a vida o “Aleluia” que proclamamos com os lábios (cf. Santo Agostinho, *Sermão* 256, 1). Tal como as mulheres, que correram a levar o anúncio aos irmãos, também nós queremos partir, esta noite, desta Basílica, para levar a todos a boa nova de que Jesus ressuscitou e de que, com a sua força, ressuscitados com Ele, também nós podemos dar vida a um mundo novo, de paz, de unidade, enquanto «multidão de homens e, ao mesmo tempo, [...] um único homem, pois, embora os cristãos sejam muitos, Cristo é um só» (Santo Agostinho, *Enarrationes in Psalmos*, 127,3).

A esta missão se consagram os irmãos e irmãs aqui presentes, provenientes de várias partes do mundo, que daqui a pouco receberão o Batismo. Após o longo caminho do catecumenato, renascem hoje em Cristo para ser nova criação (cf. 2 Cor 5, 17), testemunhas do Evangelho. A eles e a todos, repetimos o que Santo Agostinho dizia aos cristãos do seu tempo: «Anunciai Cristo, semeai [...], espalhai por toda a parte o que concebestes no vosso coração» (*Sermão* 116, 23-24).

Irmãs, irmãos, também nos nossos dias não faltam sepulcros para abrir, e muitas vezes as pedras que os fecham são tão pesadas e tão bem vigiadas que parecem inamovíveis. Algumas oprimem o coração do homem, como a desconfiança, o medo, o egoísmo, o rancor; outras, consequência daquelas que se encontram no interior, destroem os vínculos entre nós, como é o caso da guerra, da injustiça, do fechamento entre povos e nações. Não nos deixemos paralisar por elas! Muitos homens e mulheres, ao longo dos séculos, com a ajuda de Deus, removeram-nas, talvez com grande esforço e

por vezes à custa da própria vida, mas com frutos de bem dos quais ainda hoje beneficiamos. Não se trata de personagens inacessíveis, mas de pessoas como nós que, fortalecidas pela graça do Ressuscitado, na caridade e na verdade, tiveram a coragem de falar, como diz o Apóstolo Pedro, «para transmitir palavras de Deus» (*1 Pd* 4, 11) e de agir «com a força que Deus lhe concede, para que em todas as coisas Deus seja glorificado» (ibid.).

Deixemo-nos inspirar pelo seu exemplo e, nesta Noite Santa, façamos nosso o seu empenho, para que, em todo o lado e sempre, cresçam e floresçam no mundo os dons pascais da concórdia e da paz

DOMINGO DE PÁSCOA "RESSURREIÇÃO DO SENHOR" – MISSA
DO DIA

Praça de São Pedro

Domingo de Páscoa, 5 de abril de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje, toda a criação resplandece com uma nova luz; da terra se eleva um cântico de louvor; o nosso coração exulta de alegria: Cristo ressuscitou da morte e, com Ele, também nós ressuscitamos para uma vida nova!

Este anúncio pascal abraça o mistério da nossa vida e o destino da história, alcançando-nos nas profundezas dos abismos da morte, onde nos sentimos ameaçados e, por vezes, oprimidos. Ele abre-nos à esperança que não falha, à luz que não se põe, àquela plenitude de alegria que nada pode apagar: a morte foi vencida para sempre, a morte já não tem poder sobre nós!

Esta é uma mensagem nem sempre fácil de aceitar, uma promessa que nos custa acolher, porque o poder da morte ameaça-nos constantemente, por dentro e por fora.

Dentro de nós, quando o fardo dos nossos pecados nos impede de voar; quando as decepções ou a solidão que experimentamos esgotam as nossas esperanças; quando as preocupações ou os ressentimentos sufocam a alegria de viver; quando estamos tristes ou cansados, quando nos sentimos traídos ou rejeitados, quando temos de lidar com a nossa fraqueza, com o sofrimento, com o desgaste do dia a dia, parecendo que fomos parar a um túnel do qual não vemos a saída.

Mas também fora de nós, a morte está sempre à espreita. Vemo-la presente nas injustiças, nos egoísmos de parte, na opressão dos pobres, na escassa atenção para com os mais fracos. Vemo-la na violência, nas feridas do mundo, no grito de dor que se eleva de todas as partes devido aos abusos

que oprimem os mais vulneráveis, devido à idolatria do lucro que saqueia os recursos da terra, devido à violência da guerra que mata e destrói.

Nesta circunstância, a Páscoa do Senhor convida-nos a erguer o olhar e a alargar o coração. Ela continua a alimentar, no nosso espírito e no percurso da história, a semente da vitória prometida. Ela põe-nos em movimento, tal como Maria Madalena e os Apóstolos, para nos fazer descobrir que o sepulcro de Jesus está vazio e que, por isso, em cada morte que experimentamos, há também espaço para uma nova vida que renasce. O Senhor está vivo e permanece connosco. Através de frestas de ressurreição que surgem na escuridão, Ele entrega o nosso coração à esperança que nos sustenta: o poder da morte não é o destino último da nossa vida. De uma vez para sempre, estamos orientados para a plenitude, porque, em Cristo ressuscitado, também nós ressuscitámos.

O Papa Francisco, na sua primeira Exortação apostólica, *Evangelii gaudium*, recordou-nos isso mesmo com palavras sentidas, afirmando que a ressurreição de Cristo «não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo o lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual. É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que, no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto» (n.º 276).

Irmãos e irmãs, a Páscoa do Senhor dá-nos esta esperança, lembrando-nos que, em Cristo ressuscitado, uma nova criação é possível todos os dias. É o que nos diz o Evangelho hoje proclamado, que situa com precisão o evento da ressurreição: «No primeiro dia da semana» (Jo 20, 1). O dia da ressurreição de Cristo remete-nos assim para a criação, para aquele primeiro dia em que Deus criou o mundo, e anuncia-nos, ao mesmo tempo, que uma vida nova, mais forte do que a morte, está agora a brotar para a humanidade.

A Páscoa é a nova criação realizada pelo Senhor Ressuscitado, é um novo começo, é a vida finalmente tornada eterna pela vitória de Deus sobre o antigo Adversário.

É deste canto de esperança que hoje precisamos. E somos nós, ressuscitados com Cristo, que devemos levá-lo pelas estradas do mundo. Corramos, pois, como Maria Madalena, anunciemo-lo a todos, levemos com a nossa vida a alegria da ressurreição, para que, onde quer que ainda paire o espectro da morte, possa brilhar a luz da vida.

Que Cristo, nossa Páscoa, nos abençoe e conceda a sua paz ao mundo inteiro!

ORAÇÃO DO SANTO ROSÁRIO PARA INVOCAR A PAZ

VIGÍLIA DE ORAÇÃO PELA PAZ

REFLEXÃO DO PAPA LEÃO XIV

Basílica de São Pedro

Sábado, 11 de abril de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

a vossa oração é expressão daquela fé que, segundo a palavra de Jesus, move as montanhas (cf. *Mt 17, 20*). Obrigado por terdes acolhido este convite, reunindo-vos aqui, junto ao túmulo de São Pedro, e em tantos outros lugares do mundo para invocar a paz. A guerra divide, a esperança une. A prepotência oprime, o amor eleva. A idolatria cega, o Deus vivo ilumina. Caríssimos, basta um pouco de fé, uma migalha de fé, para enfrentarmos juntos, como humanidade e com humanidade, este momento dramático da história. A oração não é, com efeito, um esconderijo para fugir às nossas responsabilidades, nem um anestésico para evitar a dor que tanta injustiça desencadeia. É, pelo contrário, a resposta mais gratuita, universal e revolucionária à morte: somos um povo que já ressurgiu! Em cada um de nós, em cada ser humano, o Mestre interior ensina a paz, impele ao encontro, inspira a invocação. Elevemos, pois, o olhar! Levantemo-nos das ruínas! Nada nos pode encerrar num destino já escrito, nem mesmo neste mundo em que os sepulcros parecem não ser suficientes, porque se continua, sem direito e sem piedade, a crucificar e a aniquilar a vida.

São João Paulo II, testemunha incansável da paz, afirmou com emoção, no contexto da crise iraquiana de 2003: «Eu pertenço à geração que viveu a segunda guerra mundial e lhe sobreviveu. Tenho o dever de dizer a todos os jovens, aos que são mais jovens do que eu, que não tiveram esta experiência: “Nunca mais a guerra”, como disse Paulo VI na sua primeira visita às Nações Unidas. Devemos fazer tudo o que é possível! Sabemos bem que a paz não é possível a qualquer preço. Mas sabemos todos como é

grande esta responsabilidade» (*Angelus*, 16 de março de 2003). Esta tarde, faço meu o seu apelo, que é tão atual.

A oração ensina-nos a agir. Na oração, as limitadas possibilidades humanas unem-se às infinitas possibilidades de Deus. Pensamentos, palavras e obras rompem, assim, a cadeia demoníaca do mal e colocam-se ao serviço do Reino de Deus: um Reino onde não há espadas, nem drones, nem vinganças, nem banalização do mal, nem lucro injusto, mas apenas dignidade, compreensão e perdão. Temos aqui uma barreira contra esse delírio de onipotência que se torna cada vez mais imprevisível e agressivo à nossa volta. Os equilíbrios na família humana estão gravemente desestabilizados. Até mesmo o Santo Nome de Deus, o Deus da vida, é arrastado para os discursos de morte. Desaparece, assim, um mundo de irmãos e irmãs com um único Pai nos céus e, como num pesadelo, a realidade enche-se de inimigos. Por toda a parte, em vez de chamados à escuta e ao encontro, sentem-se ameaças. Irmãos e irmãs, quem reza não mata nem ameaça com a morte, mas tem consciência dos próprios limites. Em vez disso, é escravo da morte aquele que virou as costas ao Deus vivo, para fazer de si mesmo e do próprio poder o ídolo mudo, cego e surdo (cf. *Sl* 115, 4-8), ao qual sacrifica todos os valores e diante do qual pretende que o mundo inteiro se ajoelhe.

Basta com a idolatria de si mesmo e do dinheiro! Basta com a ostentação da força! Basta com a guerra! A verdadeira força manifesta-se no serviço à vida. São João XXIII, com simplicidade evangélica, escreveu: «as suas vantagens [da paz] se farão sentir a todos: aos indivíduos, às famílias, aos povos e a toda a comunidade humana». E, repetindo as palavras lapidares de Pio XII, acrescentava: «Nada se perde com a paz, mas tudo pode ser perdido com a guerra» (Carta Encíclica *Pacem in terris*, 116).

Unamos, por isso, as forças morais e espirituais de milhões, de milhares de milhões de homens e mulheres, de idosos e de jovens que hoje acreditam na paz, que hoje optam pela paz, que cuidam das feridas e reparam os danos deixados pela loucura da guerra. Recebo muitas cartas de crianças das zonas de conflito: ao lê-las, percebe-se, com a verdade da inocência, todo o horror e a desumanidade das ações que alguns adultos exaltam com orgulho. Ouçamos a voz das crianças!

Queridos irmãos e irmãs, certamente há responsabilidades inalienáveis que incumbem aos governantes das nações. A eles, nós clamamos: parai! É tempo de paz! Sentai-vos às mesas do diálogo e da mediação, não às mesas onde se planeia o rearmamento e se deliberam ações de morte! Existe, porém, uma responsabilidade, não menos importante, que recai sobre todos nós, homens e mulheres de tantos países diferentes: uma imensa multidão que repudia a guerra, com obras, e não apenas com palavras. A oração compromete-nos a converter o que resta de violência nos nossos corações e nas nossas mentes: convertamo-nos a um Reino de paz que se edifica dia após dia, nas casas, nas escolas, nos bairros, nas comunidades civis e religiosas, tirando espaço à polémica e à resignação com a amizade e a cultura do encontro. Voltemos a acreditar no amor, na moderação, na boa política. Formemo-nos e impliquemo-nos em primeira pessoa, cada um respondendo à sua vocação. Cada um tem o seu lugar no mosaico da paz!

O Terço, tal como outras formas de oração muito antigas, uniu-nos esta tarde no seu ritmo regular, marcado pela repetição: assim a paz vai ganhando espaço, palavra após palavra, gesto após gesto, como uma pedra que gota a gota se fura, como a tecelagem no tear, que avança movimento após movimento. São os longos tempos da vida, sinal da paciência de Deus. Precisamos de não nos deixar arrastar pela aceleração de um mundo que não sabe o que persegue, para voltarmos a servir o ritmo da vida, a harmonia da criação, curando as suas feridas. Como nos ensinou o Papa Francisco, «há necessidade de artesãos de paz prontos a gerar, com inventiva e ousadia, processos de cura e de um novo encontro» (Carta Encíclica *Fratelli tutti*, 225). Existe, efetivamente, «uma “arquitetura” da paz, na qual intervêm as várias instituições da sociedade, cada uma dentro de sua competência, mas há também um “artesanato” da paz que nos envolve» (*ibid.*, 231).

Queridos irmãos e irmãs, voltemos para casa com este compromisso de rezar sempre, sem desanimar, e de uma profunda conversão do coração. A Igreja é um grande povo ao serviço da reconciliação e da paz, que vai em frente sem titubear, mesmo quando a rejeição da lógica bélica lhe pode custar incompreensão e desprezo. Ela anuncia o Evangelho da paz e educa para obedecer a Deus antes do que aos homens, especialmente quando se trata da infinita dignidade de outros seres humanos, posta em risco pelas

contínuas violações do direito internacional. «Em todo o mundo, é desejável que cada comunidade se torne uma “casa de paz”, onde se aprende a neutralizar a hostilidade através do diálogo, onde se pratica a justiça e se conserva o perdão. Hoje, mais do que nunca, é preciso mostrar que a paz não é uma utopia» (*Mensagem para o LIX Dia Mundial da Paz*, 1 de janeiro de 2026).

Irmãos e irmãs de todas as línguas, povos e nações: somos uma única família que chora, espera e se levanta. «Nunca mais a guerra, aventura sem retorno; nunca mais a guerra, espiral de lutos e violência» (São João Paulo II, *Oração pela paz*, 2 de fevereiro de 1991).

Caríssimos, que a paz esteja com todos vós! É a paz de Cristo ressuscitado, fruto do seu sacrifício de amor na cruz. Por isso, dirigimos-lhe a nossa súplica:

Senhor Jesus,
vencestes a morte sem armas nem violência:
derrotastes o seu poder com a força da paz.
Dai-nos a vossa paz,
tal como às mulheres perplexas na manhã da Páscoa,
tal como aos discípulos escondidos e amedrontados.
Enviai o vosso Espírito,
sopro que dá vida, que reconcilia,
que torna irmãos e irmãs os adversários e os inimigos.
Inspirai-nos a confiança de Maria, vossa Mãe,
que, com o coração despedaçado, permaneceu ao pé da vossa cruz,
firme na fé de que teríeis ressuscitado.
Que a loucura da guerra tenha fim
e que a Terra seja cuidada e cultivada por aqueles que ainda
sabem gerar, guardar, amar a vida.
Ouvi-nos, Senhor da vida!